

**Leticia Oliveira da Silva**

**Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização:  
Um estudo com diferentes configurações familiares  
da cidade do Rio de Janeiro**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

**Leticia Oliveira da Silva**

**Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização:  
Um estudo com diferentes configurações familiares  
da cidade do Rio de Janeiro**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Luciana Fontes Pessôa

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

**Leticia Oliveira da Silva**

**Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização:  
Um estudo com diferentes configurações familiares  
da cidade do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup>. Luciana Fontes Pessôa**

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Mariangela Silva Monteiro**

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Dandara de Oliveira Ramos**

CIDACS-Fiocruz/BA

**Prof<sup>a</sup>. Monah Winograd**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa  
do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

## Leticia Oliveira da Silva

Graduada em Psicologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2015. Atua na linha de pesquisa de Saúde e Desenvolvimento Humano. Em seus estudos, tem como foco de investigação o processo de desenvolvimento humano compreendido a partir de uma perspectiva ontogenética e sociocultural. É integrante do AKairos, projeto social na comunidade da Maré, que assiste crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem.

### Ficha Catalográfica

Silva, Leticia Oliveira da

Estilos parentais e trajetórias de socialização: um estudo com diferentes configurações familiares da cidade do Rio de Janeiro / Leticia Oliveira da Silva; orientadora: Luciana Fontes Pessôa. – 2018.

71 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Estilos parentais. 3. Trajetórias de socialização. 4. Sistemas parentais. 5. Diferentes configurações familiares. I. Pessôa, Luciana Fontes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

## Agradecimentos

À minha orientadora Luciana Fontes Pessoa pela parceria e incentivo para a realização deste trabalho.

À CAPES e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos e sem aos quais este trabalho não poderia ter sido concluído.

Aos meus pais pela educação, carinho e incentivo.

Ao meu noivo Vinícius pela paciência, compreensão e apoio.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os funcionários e professores do Departamento de Psicologia pela ajuda e orientação.

A todos os amigos e familiares que de alguma forma me incentivaram ou auxiliaram.

## Resumo

Silva, Leticia Oliveira; Pessôa, Luciana Fontes. **Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização: Um estudo com diferentes configurações familiares da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2018. 71p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Os estilos parentais e as trajetórias de socialização são temas cuja a construção é mediada pelas crenças parentais e, por conseguinte, pela cultura, sendo de considerável relevância que sejam investigados de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Com o objetivo de identificar os estilos parentais e as trajetórias de socialização de diferentes tipos de família, participaram do estudo 40 pais e mães residentes na cidade do Rio de Janeiro, com filhos entre 7 e 11 anos de idade, de três configurações familiares: 10 casais de famílias nucleares, 10 mães de famílias mononucleares e 5 casais de famílias reconstituídas. Foi utilizado um questionário sociodemográfico para coletar dados como idade, gênero e tipo de família, o *Inventário de metas de socialização/desenvolvimento* (KELLER et al., 2006; adaptado por SEIDL-DE-MOURA et al., 2008) para identificar as trajetórias de socialização, as cinco imagens dos sistemas de cuidados parentais propostos por Keller (2005) para avaliação dos sistemas parentais e uma entrevista semiestruturada para identificar os estilos parentais. Sobre as trajetórias de socialização, os resultados apontaram que famílias nucleares tenderam para trajetória autônomo-relacional e famílias mononucleares e reconstituídas, para trajetória relacional. Em relação aos estilos parentais, famílias mononucleares e reconstituídas apresentaram indícios de estilo indulgente, com alta responsividade e baixa exigência. Já as famílias nucleares, demonstraram um estilo autoritativo, valorizando igualmente ambas as dimensões. Nessa medida, o presente estudo almeja contribuir para a Psicologia do Desenvolvimento, a partir de uma perspectiva sociocultural, e abrir caminhos para futuras investigações.

## Palavras-Chave

Estilos parentais; trajetórias de socialização; sistemas parentais; diferentes configurações familiares.

## Abstract

Silva, Leticia Oliveira; Pessôa, Luciana Fontes (Advisor). **Parental Styles and Socialization Trajectories: A study with different family settings in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2018. 71p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Parental styles and socialization trajectories are issues whose construction is mediated by parental beliefs and therefore by culture, so it's considerably relevant that they be investigated according to the context in which they are inserted. In order to identify parental styles and socialization trajectories of different family types, 40 parents resident in Rio de Janeiro with children between 7 and 11 years old participated in the study. They belonged to three family settings: 10 couples of nuclear families, 10 single mothers of parent families and 5 couples of remarried families. A sociodemographic questionnaire was used to collect data such as age, gender and family type. The Inventory of socialization/development goals (KELLER et al., 2006; adapted by SEIDL-DE-MOURA et al., 2008) was used to identify the socialization trajectories, the five images of parental care systems proposed by Keller (2005) were used for evaluation of parental systems and a semi-structured interview to identify parental styles. About the socialization trajectories, results pointed out that nuclear families tended to autonomous relational trajectory, whereas single parents and remarried families tended for relational trajectory. Regarding the parental styles, single parents and remarried families presented indications of indulgent style, with high respondingness and low demandingness. However, nuclear families demonstrated an authoritative style, valuing both dimensions equally. To this extent, the present study aims to contribute to the developmental psychology from a sociocultural perspective and to open ways for future investigations.

## Keywords

Parental styles; socialization trajectories; parental systems; different family settings.

## Sumário

Apresentação do tema de investigação	10
1. A importância do contexto no desenvolvimento humano: crenças e práticas parentais	12
2. Sistemas Parentais e Trajetórias de Socialização	17
3. Família, sua construção histórico-cultural e suas diferentes configurações	23
4. Estilos Parentais	27
Objetivos	33
Objetivo geral	33
Objetivos específicos	33
Método	34
Participantes	34
Instrumentos	34
Procedimentos éticos	35
Procedimentos de coleta de dados	35
Procedimentos de análise de dados	35
Resultados	39
Trajetórias de Socialização	39
Sistemas Parentais	40
Estilos Parentais	43
Relações entre Trajetórias de Socialização, Sistemas e Estilos Parentais	46
Discussão	49
Trajetórias de Socialização	49
Sistemas Parentais	50
Estilos Parentais	52
Relações entre Trajetórias de Socialização, Sistemas e Estilos Parentais	54
Considerações Finais	57
Referências bibliográficas	61
Anexos	67
Anexo I	67
Anexo II	69
Anexo III	71

## Lista de figuras

Figura 1.1 - Médias de autonomia e relação de pais e mães	39
Figura 1.2 - Médias das dimensões de autonomia e relação nos diferentes tipos de família	40
Figura 2.1 - Médias dos sistemas parentais na amostra geral	40
Figura 2.2 - Médias dos sistemas parentais de pais e mães	41
Figura 2.3 - Médias dos sistemas parentais de acordo com o tipo de família	41

## Lista de Tabelas

Tabela 1.1: Frequência das categorias de sistemas parentais na amostra geral	42
Tabela 1.2: Frequência das categorias de sistemas parentais em pais e mães	42
Tabela 1.3: Frequência das categorias de sistemas parentais em diferentes tipos de famílias	43
Tabela 2.1: Frequência das categorias sobre características infantis na amostra geral	43
Tabela 2.2: Frequência das categorias sobre características infantis em pais e mães	43
Tabela 2.3: Frequência das categorias sobre características infantis nos diferentes tipos de família	44
Tabela 2.4: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento na amostra geral	44
Tabela 2.5: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento em pais e mães	45
Tabela 2.6: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento nos diferentes tipos de famílias	45
Tabela 3.1: Correlações entre Metas de Socialização e Sistemas Parentais	46
Tabela 3.2: Correlações entre Metas de Socialização e Características Infantis	47
Tabela 3.3: Correlações entre Metas de Socialização e Aspectos Valorizados no Desenvolvimento Infantil	47
Tabela 3.4: Correlações entre Sistemas Parentais e Aspectos Valorizados no Desenvolvimento Infantil	48

## **Apresentação do tema de investigação**

Durante minha graduação em Psicologia aflorou meu interesse por investigar temas relacionados ao desenvolvimento humano. Nesse período, pude acompanhar de maneira bastante especial o desenvolvimento de crianças em idade pré-escolar. Tal acompanhamento foi possível graças a uma experiência de dois anos como estagiária em um colégio de educação infantil.

Diversas temáticas, derivadas dessa experiência, me chamaram a atenção. Mas uma, especialmente, despertou meu interesse e me motivou a iniciar o presente estudo: a questão da autoridade parental. A partir de então, comecei a pesquisar sobre o tema da autoridade e sobre as variações na forma de exercê-la – decorrentes tanto do momento histórico, quanto da cultura.

Partindo dessa perspectiva histórico-cultural, Arendt (2000) aponta para uma “crise da autoridade” a partir da primeira metade do século XX. Conforme a autora, tal crise surge a partir das transformações políticas geradas pelos regimes totalitários e autoritários, que não atingiram somente os regimes de poder, mas, também, refletiram na sociedade, em geral, e na família de um modo particular.

Dessa forma, durante o período de estágio, pude perceber alguns reflexos dessa suposta “crise da autoridade” no âmbito familiar. Com base na fala dos professores, dos pais e na observação da interação com seus filhos, era notada, na maioria dos casos, uma certa dificuldade por parte desses pais em exercerem sua autoridade.

Terminado o período como estagiária do colégio, passei, então, a fazer parte do grupo de Desenvolvimento, Biologia e Cultura (DBC) da PUC-RJ. Nesse grupo de pesquisa, coordenado pela minha orientadora Prof<sup>a</sup> Luciana Fontes Pessôa, participei de estudos sobre competência socioemocional e sobre as trajetórias de socialização. Foi quando passei a estudar mais profundamente sobre as crenças parentais, sobre as metas de socialização e comecei a hipotetizar sobre as relações entre essas metas e os chamados estilos parentais.

Ao buscar a relevância de pesquisas nessa área, a literatura sugere que novos estudos se aprofundem em crenças, valores e metas de socialização parentais, e que considerem o contexto em que os pais estão inseridos (FORTKAMP, VIEIRA & FARACO, 2015). Além disso, aponta para a importância da realização de pesquisas que investiguem a autoridade em diferentes configurações familiares, uma vez que,

diante de novos arranjos, a autoridade tende a ser realocada (ALMEIDA & ALDRIGHI, 2011).

Portanto, motivada por meu interesse no tema e diante do panorama apresentado, a partir de uma perspectiva sociocultural, o presente projeto de mestrado pretende investigar correlações entre os estilos parentais e as trajetórias de socialização em diferentes famílias da cidade do Rio de Janeiro. Através dessa investigação, aspira-se contribuir para a Psicologia do Desenvolvimento, fornecendo bases empíricas a respeito do tema.

## A importância do contexto no desenvolvimento humano: crenças e práticas parentais

O homem é um ser extremamente dependente em seus primeiros anos de vida. Nenhuma outra espécie é tão vulnerável ao nascer como o *homo sapiens*. Assim, a família humana, mais especificamente a parentalidade, possui a função central de proporcionar às crianças um contexto para o desenvolvimento de competências apropriadas à ecologia local, onde se inserem essas famílias (GEARY & FLINN, 2001).

Nesse sentido, o exercício da parentalidade tende a ser orientado por um conjunto de crenças, denominadas por Harkness e Super (2006) como etnoteorias parentais. Para os autores, as etnoteorias parentais consistem em modelos culturais que os pais detêm sobre filhos, famílias, e eles próprios como pais. Tais modelos seriam, portanto, produto de um sistema interativo entre ambiente e indivíduo (KELLER & GREENFIELD, 2000).

Para uma compreensão mais abrangente dos modelos culturais, a Psicologia Evolucionista oferece uma abordagem interacionista entre biologia e cultura. Conforme é proposto por essa perspectiva, a mente humana é concebida, em parte, como produto da seleção natural, de forma que determinadas características que nós, seres humanos, possuímos, tratam-se de características que foram selecionadas ao longo do período evolutivo (BANDEIRA, SEILD-DE-MOURA & VIEIRA, 2009). Sendo assim, a cultura humana deve ser entendida a partir da evolução filogenética, uma vez que seu surgimento foi dado a partir da evolução de uma base social primata (TOMASELLO, 2001).

De acordo com Harkness e Super (2006), as etnoteorias parentais não podem ser pensadas fora do que conceituam como “nicho do desenvolvimento” (HARKNESS & SUPER, 1993): quadro teórico que compreende o desenvolvimento infantil a partir de modelos culturais. Com base nessa ideia, os autores entendem a criança a partir de três componentes ou subsistemas:

- configurações físicas e sociais em que a criança vive: fontes mais diretas de informação sobre como o ambiente social da criança é estruturado, no qual compreende-se as condições materiais, as pessoas que convivem com a criança etc;

- costumes culturalmente construídos sobre os cuidados infantis e a parentalidade: engloba as práticas comuns de cada grupo cultural ao criar e cuidar das crianças;

- a psicologia dos cuidadores: inclui as crenças e as expectativas dos pais e/ou daqueles que façam parte da rotina de cuidados da criança.

Sendo assim, Harkness e Super (2006) afirmam que os três componentes funcionam conjuntamente como um sistema, uma vez que, cada um deles é funcionalmente incorporado em aspectos amplos da cultura. Nesse sentido, as etnoteorias parentais, são caracterizadas como um aspecto do terceiro componente do nicho de desenvolvimento. Contudo, podem ser acessadas e estudadas, tanto diretamente, quanto através dos outros dois componentes do nicho.

Aqui, portanto, torna-se relevante enfatizar a importância dos sistemas de crenças culturais dos pais e das etnoteorias parentais como meio pelo qual elementos da cultura maior são filtrados. A esse respeito, Harkness e Super (2006) entendem que as etnoteorias parentais estariam organizadas em um hierarquia de ideias: no topo estariam as ideias mais gerais e implícitas sobre a natureza da criança, dos pais e da família e mais abaixo as ideias sobre domínios específicos, como, por exemplo, o sono infantil ou a relação pai-filho, que estão intimamente ligadas às ideias sobre as práticas adequadas.

Além disso, cabe ressaltar, que essas etnoteorias consistem numa significativa fonte de organização das práticas parentais e da vida diária das crianças e das famílias. Isso porque, o terceiro subsistema do nicho de desenvolvimento possibilita uma maior compreensão do poder das ideias culturais, que contribuem para os caminhos que os pais organizam as configurações do dia-a-dia de seus filhos, os costumes que são instanciados dentro dessas configurações e os seus resultados no desenvolvimento (HARKNESS & SUPER, 1992).

Com o objetivo de tornar aparente os padrões de crenças e práticas que são compartilhados, de forma geral, e os que são de culturas específicas, Harkness e Super (2006) realizam dois estudos transculturais. O primeiro estudo foi realizado através de entrevista com pais holandeses e americanos. Além das entrevistas, a eles também era solicitado que escrevessem uma espécie de diário, no qual faziam observações sobre o dia-a-dia de seus filhos. A análise dos dados apontou para a existência de semelhanças entre os pais dos dois países, uma vez que as rotinas diárias, em ambos os casos, eram estruturadas para ajudarem as crianças a se

tornarem membros competentes da cultura. Mas, por outro lado, também apontaram para algumas especificidades. Implícitas nas rotinas dessas crianças, foram percebidas diferentes etnoteorias parentais sobre que tipos de atividades ou experiências são priorizadas. No que diz respeito a gestão do sono, por exemplo, os pais americanos do estudo entendem que as crianças regulam suas próprias necessidades de sono, e que, eventualmente, eles virão a dormir durante toda a noite por conta própria, enquanto os pais holandeses priorizam o horário de sono regular, o que eles vêem como fundamental para o crescimento e desenvolvimento saudável.

Harkness e Super (2006) entendem que essa diferença está relacionada a aspectos da cultura maior de cada país. Para as famílias holandesas, os "3 Rs" (*rust* (repouso), *regelmaat* (regularidade) e *reinheid* (limpeza)) abrangem uma ampla gama de ideias e práticas, como ter uma programação regular. Já para as famílias americanas a questão da independência parece ser a predominante, uma vez que poderia ser incentivada na criança através da regulação do próprio sono.

O segundo estudo, consistiu na análise de descrições livres dos filhos feitas pelos seus próprios pais. Dessa pesquisa, participaram pais de seis diferentes países: Estados Unidos, Itália, Holanda, Suécia, Espanha e Austrália. Foi desenvolvida uma lista de indicadores comuns que cobriam, praticamente, todas as descrições de crianças encontradas nas entrevistas. Os pais de todas as seis amostras, na maioria das vezes, descreviam seus filhos como sociáveis, carinhosos, ativos e de temperamento forte. Contudo, surgiram algumas particularidades nas quais os pais escolheram para se concentrar:

- pais americanos enfatizaram as habilidades cognitivas e a independência;
- pais italianos enfatizaram características de competência social e emocional;
- pais holandeses enfatizaram as habilidades sociais e a capacidade de atenção;
- pais suecos enfatizaram um modelo de criança agradável e pouco exigente;
- pais espanhóis enfatizaram características de bom cidadão e membro da família;
- pais australianos enfatizaram a competência cognitiva e a reatividade da criança.

A partir desses estudos, portanto, Harkness e Super (2006) chegam a algumas considerações: a) pais de qualquer lugar do mundo se esforçam para que seus filhos sejam felizes e saudáveis, variando, conforme a cultura, apenas as questões

relacionadas a esse objetivo universal; b) as etnoteorias parentais tendem a ter um alcance do universal para o particular, daquelas que são universalmente compartilhadas pelos cuidadores, para aquelas que são mais particulares à cada cultura e c) as variações dentro de uma mesma comunidade cultural pode ser explicada pelo construto de nicho do desenvolvimento, no qual o ambiente da criança não é uma coleção aleatória de crença dos pais, mas uma organização, parte de um sistema cultural que inclui contingências e flexibilidade.

Além disso, de acordo com Seidl-de-Moura (2003), as crenças parentais são construídas ao longo da vida, na medida em que, durante o processo de socialização, meninos e meninas são orientados sobre os papéis que podem vir a desempenhar quando crescerem, dentre eles, o de mãe/pai. No entanto, isso não significa que tais crenças não podem ser alteradas quando, de fato, essas crianças tornarem-se adultas e passarem a exercer o papel parental.

A esse respeito, Lighthfoot e Valsiner (1992) afirmam que as crenças parentais funcionam como organizadores mentais para as ações, mas não correspondem, necessariamente, às práticas parentais. Conforme os autores, isso ocorre porque, além das crenças serem construídas nas relações sociais e receberem influência do contexto, elas contam com a participação de um sujeito que também atua nessa construção com suas idiossincrasias.

Buscando, então, analisar a relação entre crenças e práticas de cuidado, Santana (2006) realizou um estudo com quatro mães primíparas do Rio de Janeiro. A autora utilizou o instrumento de práticas de cuidado desenvolvido por Suizzo (2002), o inventário de práticas contextualizadas construído por ela própria e realizou observações a partir de duas visitas às casas das participantes. Os resultados apontaram que as crenças mencionadas nos instrumentos não se traduziam, necessariamente, em comportamentos e que práticas não valorizadas pelas mães, foram observadas durante as visitas.

Visto isso, de acordo com Miller (1988), existem quatro questões que conduzem as pesquisa sobre crenças parentais:

- natureza das crenças: quais crenças que os pais possuem sobre seus filhos;
- origem das crenças: de onde vêm essas crenças;
- relação entre as crenças e comportamentos dos pais: se as práticas adotadas, de fato, correspondem àquilo que os pais acreditam;
- relação entre as crenças e o desenvolvimento da criança.

Portanto, para o presente estudo, que tem como um dos objetivos investigar os sistemas parentais e as trajetórias de socialização priorizadas pelos pais, será enfatizada a natureza das crenças. Contudo, cabe ainda entender os conceitos de sistemas parentais e de trajetórias de socialização.

## 2

### Sistemas parentais e trajetórias de socialização

Apesar de ser esperado que existam variações nos estilos de parentalidade, estudos apontam para a existência de práticas parentais universais, como a tendência do cuidador responder aos sinais do bebê em intervalos entre 200 e 800 milésimos de segundo (KELLER, 2005). Sendo assim, Keller (2005) propõe um conjunto de sistemas parentais universais, que teriam evoluído ao longo da filogênese e que seriam modulados por sistemas interacionais, definindo, assim, os estilos parentais do cuidadores. Os sistemas parentais são divididos pela autora em:

- cuidado primário: trata-se do sistema parental filogeneticamente mais antigo e está relacionado aos cuidados básicos de proteger, alimentar e higienizar;
- contato corporal: tem a função de proteger o bebê e proporcionar calor emocional, o que está associado a ideia de coesão social;
- estimulação corporal: intensifica o desenvolvimento motor e a percepção corporal;
- estimulação por objeto: proporciona a ligação ao objeto e ao ambiente físico em geral, o que estimula o desenvolvimento cognitivo e a autonomia;
- troca face-a-face: contato visual mútuo que oferece ao bebê a experiência de percepção contingente;
- envelope narrativo: utilização da linguagem para falar com o bebê.

Enquanto os sistemas interacionais são divididos por Keller (2005) em: a)atenção compartilhada, na qual a atenção é dividida entre as necessidades do bebê e tarefas diárias; b)atenção diática exclusiva, quando a atenção é dedicada exclusivamente ao bebê; c)calor emocional, que consiste no afeto expresso pelo cuidador na relação com o bebê e; d)contingência, que diz respeito à capacidade dos cuidadores responderem adequadamente aos sinais do bebê.

Diversos estudiosos entendem que há uma relação, tanto teórica, quanto empírica, entre essas variáveis parentais e as competências sociais dos filhos (BARBER, 1996; DARLING & STEINBERG, 1993; MACCOBY, 2000). Nesse sentido, de acordo com Keller e Chasiotis (2007), tais sistemas parentais e mecanismos interacionais podem apoiar diferentes trajetórias de socialização.

De um modo geral, essas trajetórias de socialização têm sido classificadas em três diferentes modelos. O primeiro modelo, denominado independente ou autônomo, dá ênfase às metas pessoais, priorizando as necessidades e os direitos do indivíduo. Nesse modelo, as dimensões da separação e da autonomia – características de sociedades urbanas pós-industriais – predominam (KAGITÇIBASI, 2007; KELLER *et al.*, 2005). O segundo deles, o modelo interdependente ou relacional enfatiza as metas grupais, assim como os papéis sociais, os deveres e as obrigações. Prevaecem, assim, as dimensões da heteronomia e da relação, que caracterizam ambientes rurais baseados em economia de subsistência (KAGITÇIBASI, 2007; KELLER *et al.*, 2005). Por fim, o modelo autônomo-relacional abrange características de ambos os modelos anteriores, englobando tanto a autonomia, quanto a relação, o que é característico de famílias de classe média urbana em sociedades tradicionalmente interdependentes (KAGITÇIBASI, 1996, 2005, 2007).

Nesse sentido, autonomia e relação se manifestariam de diferentes formas de acordo com as demandas contextuais de cada ambiente cultural. Keller (2012) conceitua três diferentes ambientes nos quais a autonomia e a relação possuem significados diversos: protótipos de famílias ocidentais, urbanas e de classe média; protótipos de famílias rurais, com agricultura de subsistência; e um meio híbrido de famílias de classe média urbana de ambientes não-ocidentais.

A partir disso, Keller e Chasiotis (2007) entendem que o modelo relacional está associado a um estilo parental mais proximal, no qual são priorizados os sistemas de contato e estimulação corporal e os mecanismos interacionais de contingência e calor emocional. Por outro lado, no modelo autônomo, seriam enfatizados os sistemas de estimulação por objeto e troca face-a-face, onde predominam os mecanismos da atenção e da contingência.

Em pesquisa sobre a relação entre sistemas parentais e trajetórias de socialização, Keller *et al.* (2005), aplicaram questionário sociodemográfico em 33 mães de famílias agricultoras dos Camarões, 50 da área urbana da Costa Rica e 46 da classe média urbana da Alemanha. Além disso, filmaram essas mães em brincadeiras livres com suas crianças a fim de registrar e classificar as interações em quatro sistemas parentais: troca face-a-face, estimulação por objeto, contato corporal e estimulação corporal. Os resultados mostraram que os três países investigados valorizaram diferentes sistemas parentais e, por conseguinte,

diferentes metas de socialização. As mães alemãs apresentaram um estilo mais distante, mais voltado para autonomia, com trocas face-a-face e estimulação por objeto. As mães de Camarões, apresentaram uma parentalidade mais próxima, valorizando o contato e a estimulação corporal, associada ao modelo relacional. Já as mães da Costa Rica, apesar de demonstrarem menos contato corporal que as mães camaronesas, apresentaram mais contato corporal e menos estimulação por objeto que as mães alemãs, assumindo, então, um modelo autônomo-relacional.

Em estudo recente com 60 duplas da cidade do Rio de Janeiro, formadas por mães de filhos com até 1 ano de idade, avós, babás e educadores de creche, Pessoa, Seidl-de-Moura, Ramos e Mendes (2016) investigaram os sistemas parentais através de fotos que representavam cada um desses sistemas. Os sistemas mais valorizados pelas participantes foram os de contato corporal e troca face-a-face, o que, de acordo com as autoras, aponta para um modelo autônomo-relacional, uma vez que o contato corporal é predominante em contextos onde a relação é valorizada e a troca face-a-face é prevalente em contextos mais autônomos.

Nesse sentido, diversas pesquisas têm percebido as diferentes valorizações das trajetórias de socialização por pais residentes em contextos culturais diversos (HARWOOD *et al.*, 1999; LEYENDECKER *et al.*, 2002; MILLER & HARWOOD, 2001). Os resultados de tais pesquisas sugerem que mães que vivem em contextos mais independentes, tendem a priorizar metas relacionadas ao desenvolvimento da autonomia de seus filhos. Por outro lado, mães residentes em contextos mais interdependentes, valorizam o bom comportamento da criança e sua adequação às expectativas sociais.

Em estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina, Macarini *et al.* (2010) verificou que em ambas as amostras – mães do interior e mães da capital –, houve predominância do modelo autônomo-relacional no que diz respeito às crenças parentais. Contudo, com relação às trajetórias de socialização, as mães da capital valorizaram significativamente mais as metas autônomas do que as relacionais. Enquanto isso, as mães do interior valorizaram igualmente as metas autônomas e relacionais, embora tenham obtido médias significativamente maiores nas metas relacionais do que as mães da capital.

Em pesquisa a nível nacional, com mães residentes em capitais e em cidades pequenas do Brasil, Vieira e colaboradores (2010), também investigaram as características do sistema de crenças dessas mães nas dimensões da autonomia e da

interdependência. Os resultados indicaram que apesar das mães de ambos os contextos valorizarem a autonomia, as mães que habitam em pequenas cidades tendem a considerar a dimensão relacional como a mais importante, enquanto que as mães que residem nas capitais valorizam igualmente ambas as dimensões, tanto em suas crenças sobre práticas, quanto nas metas de socialização de seus filhos.

Também com o objetivo de investigar as dimensões da autonomia e da interdependência no sistema de crenças de mães residentes em capitais e em pequenas cidades, Macarini e Vieira (2009) entrevistaram 606 mães de seis estados brasileiros. Os resultados sugeriram que embora as mães de ambos contextos valorizem a autonomia, as mães residentes nas cidades pequenas priorizaram ainda mais a dimensão de interdependência, enquanto que as mães das capitais valorizaram igualmente as duas dimensões tanto nas crenças sobre práticas quanto em suas metas de socialização. Foi, também, encontrada uma correlação positiva entre os anos de escolaridade da mãe e a importância atribuída à autonomia. Além disso, a interdependência apresentou uma correlação negativa com a escolaridade da mãe, com a idade da criança e a renda familiar. Tais resultados corroboram com estudos anteriores, com mães primíparas, que apontam para a influência dos fatores socioeconômicos sobre crenças e práticas da mãe em relação a seu filho (SEIDL-DE-MOURA, RIBAS JR, PICCININI, BASTOS, MAGALHÃES, VIEIRA, SILVA & SILVA, 2004; SILVA, VIEIRA, SEIDL-DE-MOURA & RIBAS JR., 2005; SILVA & MAGALHÃES, 2011).

Igualmente interessados na investigação das cognições parentais, Silva e Magalhães (2008) realizaram pesquisa com 100 mães primíparas do estado do Pará, sendo 50 de contexto urbano e 50 de contexto não-urbano. De forma semelhante ao estudo de Macarini e Vieira (2009), os resultados apontaram para uma tendência em mães do contexto urbano apresentarem níveis elevados de escolaridade, o que se correlacionou positivamente com os escores na avaliação das práticas de cuidado. Já com relação às metas de socialização, as mães de Belém apresentaram maiores escores nas metas de *automaximização* (autoconfiança e independência) e de *expectativas sociais* (adaptação às exigências sociais), assim como em estratégias de socialização centradas no contexto (ênfase em características positivas e/ou negativas dos contextos sociais que o indivíduo faz ou fará parte).

Na mesma linha, a fim investigar valores, crenças e práticas parentais de mães do Estado de Santa Catarina, Westphal, Vieira, Vieira e Prado (2010), entrevistaram

150 mães residentes em três contextos com diferentes índices de urbanização: capital, interior leste e interior oeste. Os resultados apontaram para a presença do modelo cultural autônomo-relacional nos três contextos. Contudo, a dimensão aloccêntrica e as metas relacionais se correlacionaram positivamente, indicando que quanto mais próximas da família as mães relatam ser, mais elas tendem a estabelecer metas de socialização relacionais para os filhos.

Nesse sentido, Mendes e Pessôa (2013) apontam para a possibilidade de convivência entre propriedades de tendências de socialização contraditórias. Com o objetivo de explorar o que cuidadores pensam sobre a expressão emocional das crianças e as possíveis relações com as trajetórias de socialização priorizadas, as autoras entrevistaram 20 duplas, residentes na cidade do Rio de Janeiro, compostas por mães e outros cuidadores que compartilhavam os cuidados de seu filho de até um ano de idade. Os resultados apontaram uma valorização, por parte das mães, para que seus filhos aprendam a controlar suas emoções antes dos três anos de idade, o que consiste numa característica associada à interdependência. Por outro lado, tais mães também demonstraram uma maior valorização do sorriso enquanto expressão de emoção em detrimento a uma forma de expressar simpatia, o que pode estar mais relacionado a autonomia.

Contudo, Bandeira e Seidl-de-Moura (2012) apontam para o fato de serem escassos os estudos sobre crenças parentais que incluam os pais. Diante dessa lacuna, as autoras investigaram crenças de pais e mães sobre investimento parental e o que relatam fazer para investir na criação do filho. Participaram do estudo, 50 homens e 50 mulheres com filho de até seis anos, aos quais foram feitas duas perguntas abertas a respeito de suas práticas e investimento. As respostas foram classificadas em: investimento financeiro, emocional, cuidados básicos, intelectual, social-espiritual e familiar-individual. Pais e mães indicaram privilegiar e praticar com maior frequência o investimento emocional. No entanto, as mulheres tendem a investir mais que os homens, de modo especial em relação aos cuidados.

Nessa perspectiva, Bandeira, Seidl-de-Moura e Vieira (2009) entrevistaram trinta casais do Rio de Janeiro, com filho único de até três anos, a fim de investigar as metas de socialização privilegiadas por mães e pais. Os resultados do estudo indicaram que pais e mães valorizam a autonomia, mas também a independência, o que sugere que ambos possuem tendência de socialização para autonomia-relacional.

Fortkamp, Vieira e Faraco (2015) investigaram diferenças e semelhanças relacionadas às crenças parentais e metas de socialização, assim como fatores que estão associados às práticas dos cuidadores. Participaram da pesquisa 48 pais e mães, residentes em Florianópolis, com filhos de 4 a 6 anos de idade e de dois contextos com diferentes níveis de escolaridade. Os resultados apontaram que as crenças e práticas parentais, em ambos os contextos, indicam o modelo autônomo-relacional. Contudo, os pais com maior escolaridade privilegiaram atributos de autonomia, como independência psicológica e assertividade, enquanto os pais de menor escolaridade enfatizaram a importância de saber fazer escolhas e estudar para obter melhores condições de vida, reforçando a obediência e o respeito às regras. Tais resultados parecem corroborar com o estudo de Kobarg e Vieira (2006) com mães do contexto rural e urbano de Itajaí. Seus dados sugerem que mães de classe média tendem a enfatizar a transmissão de valores associados à afetividade e à sociabilidade, enquanto mães de classe baixa tendem a priorizar o respeito, os valores morais e a educação formal.

Entretanto, Piovanotti e Vieira (2007) encontraram resultados um pouco divergentes. A partir de uma pesquisa com 50 mães residentes em Florianópolis, os autores não encontraram diferenças significativas entre as metas de socialização em decorrência da escolaridade. No entanto, o nível de escolaridade da mãe se correlacionou positivamente a valorização das práticas de cuidado. Os autores interpretam essa diferença devido ao fato das metas serem socialmente compartilhadas pela cultura, ao passo que as crenças consistem na forma de alcançar esses objetivos, dependendo, assim, do contexto social no qual os cuidadores estão inseridos. Nesse sentido, destacam a escolaridade dos pais como essencial para a escolha do caminho pelo qual se garantirá o desenvolvimento adequado da criança.

Como visto até aqui, diversos fatores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil. Aspectos da cultura maior e do contexto, como, por exemplo, características sociodemográficas, parecem ter forte influência no conjunto de crenças e práticas dos cuidadores, inclusive nas metas de socialização que priorizam para educação de seus filhos. Dada, portanto, a importância de tais fatores, torna-se relevante entender um pouco mais sobre a construção histórico-social da família, o contexto cultural em que ocorreram suas transformações, assim como suas diferentes configurações.

### 3

## Família, sua construção histórico-cultural e suas diferentes configurações

O termo “família” é derivado do latim *famulus*, cujo significado refere-se ao grupo de dependentes e servos de um senhor (WAGNER, 2002). De acordo com Pinheiro e Biasoli-Alves (2008), tal termo foi criado na Roma Antiga para denominar um grupo social introduzido na agricultura e na escravidão legalizada. Nesse período, predominava uma estrutura familiar patriarcal, devido a submissão desses indivíduos à autoridade de um mesmo chefe. No entanto, a partir da Idade Média, novas configurações familiares foram formadas através das uniões matrimoniais – que selavam os acordos familiares.

Vital (2002) ressalta que, à medida em que ocorrem os eventos sociais, o conceito de família é modificado, tanto em função do tipo de sociedade, quanto em função do tempo. Nesse sentido, o autor diferencia três tipos de família: família feudal (numerosa e abundante em bens materiais), família burguesa (segurança garantida pela lei e pelo controle social) e família nuclear (composta por pai, mãe e prole, na qual o homem, ainda, possui a autoridade máxima e a mulher é “rainha do lar”).

Por outro lado, Roudinesco (2003) destaca três grandes momentos que marcaram a trajetória da família ocidental:

-Família tradicional: não dava-se importância à vida sexual e afetiva dos cônjuges – já que os casamentos eram arranjos como forma de assegurar a transmissão de bens patrimoniais – e a figura paterna era tida como modelo de identificação dos filhos;

-Família moderna: surge com o advento da industrialização; no casamento passa-se a valorizar a reciprocidade de desejos e sentimentos; já na divisão do trabalho, o homem destina-se ao espaço público – trabalhando fora e atuando como provedor da família –, enquanto a mulher destina-se ao espaço privado – se ocupando dos cuidados da prole e da casa;

-Família contemporânea: período de mudanças na estrutura e na dinâmica das famílias, assim como nos valores sociais mais amplos; é configurada através da união de dois indivíduos que buscam relacionamentos baseados no amor e no prazer – relacionamentos esses que perduram enquanto durarem tais sentimentos.

De acordo com Sarti (2004a, 2004b), no passado, as famílias eram regidas pela obrigação e pela obediência. No entanto, as famílias atuais são pautadas nos princípios de liberdade, reciprocidade e responsabilidade.

Entretanto, de acordo com Figueira (1987) a família contemporânea, apesar de ser entendida como família igualitária, por vezes, reproduz o modelo de família hierárquica. O autor traz, assim, o conceito de “desmapeamento” para se referir a coexistência, sincrônica e temporal, desses mapas (modelos) diferentes e contraditórios.

Nesse sentido, Cardoso (2011) afirma que, atualmente, os arranjos familiares passam por processos de transformação de toda ordem. Assim, a família vai se reconfigurando conforme o cenário social na qual está inserida:

Diante das situações sociais que influenciam ou interferem na vida doméstica, a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões que envolvem direitos e deveres da família, antes predeterminadas, são, nos dias de hoje, objetos de constantes negociações e passíveis de serem revistos à luz dos acordos entre os integrantes da família. Dessa forma, a crescente diversidade de arranjos familiares demonstra a pluralização das relações entre pais-filhos e entre casais, tornando-se necessário repensar as posições paterna e materna nesse contexto (CARDOSO, 2011, p.34).

Em função das mudanças que vêm ocorrendo nas configurações familiares e, por conseguinte, na definição de família, Pinheiro e Biasoli-Alves (2008) afirmam que uma provável crise da instituição familiar e, até mesmo, sua extinção é temida. Contudo, conforme as autoras:

[...] esta mudança na estrutura se define pelos papéis, pelas atitudes dos membros da família, nas práticas relacionadas à socialização infantil, resultado das alterações sociais que acabaram cooperando para que novos grupos familiares se constituíssem diferentemente daqueles que se firmaram na história (PINHEIRO & BIASOLI-ALVES, 2008, p.22).

De acordo com Roudinesco (2003), embora no decorrer da história, por diversas vezes, a família ter se percebido ameaçada pela extinção, há algo que garante a sua continuidade. A autora afirma, que a certeza de sua sobrevivência está na necessidade humana de estabelecer vínculos, assim como na ideia de que, para que se conteste esta instituição, é preciso que ela exista.

Entende-se, portanto, que a família não se desconstrói, mas se reconstrói, constantemente, em função do contexto em que se insere. E as diversas configurações familiares, que são formadas conforme as necessidades de cada família, nos permitem pensar esta instituição como um segmento social que se organiza a partir de sua contextualização histórico-social (CARDOSO, 2011).

Sendo assim, Ariès (1981) aponta para a capacidade de reestruturação da família conforme as experiências humanas e sociais. O autor completa afirmando que, é com a atenção diferenciada dos adultos em relação à criança, que a família deixa de ser um grupo de sustentação material para se tornar um grupo afetivo.

A respeito dessas modificações familiares, Pinheiro e Biasoli-Alves (2008) chamam a atenção para a redução do tamanho da família contemporânea em comparação há 25 anos atrás. Tal redução, tem sua provável decorrência tanto do aumento do número de divórcios, quanto da opção por uma prole reduzida – que podem estar relacionadas ao trabalho da mulher fora de casa, aos baixos salários, ao desemprego, à instabilidade nas relações conjugais etc (PINHEIRO & BIASOLI-ALVES, 2008).

Nessa lógica, a participação da mulher no orçamento familiar, gera um descolamento da sua posição na família, o que, também, altera sua relação com os filhos e o marido (ROMANELLI, NOGUEIRA & ZAGO, 2000). Conforme Dessen e Lewis (1998), em relação a função paterna, surgem três diferentes perspectivas:

-Tradicional: o pai tem a função de provedor e de oferecer suporte emocional à mãe, se colocando numa postura autoritária ao não se envolver diretamente com os filhos;

-Moderna: o pai é responsável pelo desenvolvimento moral, escolar e emocional dos filhos;

-Emergente: o pai é capaz de participar ativamente da criação e cuidado dos filhos.

Dessa forma, com base no que até aqui foi discutido, torna-se evidente o impacto dos acontecimentos históricos e sociais na dinâmica familiar. Acontecimentos esses, que colaboraram para pluralidade e complexidade dos modelos conjugais contemporâneos. Contudo, Pinheiro e Biasoli-Alves (2008) alertam para a dificuldade de se conceituar a família na atualidade, uma vez que corre-se o risco de excluir formas diferenciadas de constituição familiar.

Kaslow (2002) classifica oito tipos de composição familiar: a) família nuclear; b) família extensa (inclui três ou quatro gerações); c) família adotiva; d) casal; e) família monoparental; f) família homoafetiva/homoparental; g) família reconstituída; h) família sem laços legais. No que concerne ao presente estudo, faz-se necessária a descrição de três tipos diferentes de família: nuclear, mononuclear e reconstituída.

De acordo com Kaslow (2002) a família nuclear inclui duas gerações com filhos biológicos. Ou seja, ela é composta por um homem e uma mulher que coabitam e possuem ao menos um filho.

As famílias monoparentais ou mononucleares, no entanto, são formadas por um dos progenitores, o pai ou a mãe, e por seu(s) filho(s) ainda não adultos (KASLOW, 2002). Conforme, Lefaucher (1997), a expressão “família monoparental” passou a ser utilizada na França, desde meados dos anos 70, para se referir às famílias em que as pessoas vivem sem cônjuge, com um ou mais filhos solteiros e menores de 25 anos.

Já as famílias reconstituídas são formadas por um casal, no qual uma das partes ou ambas possuem filho(s) de relacionamentos anteriores (KASLOW, 2002). De acordo com o último censo, realizado pelo IBGE em 2010, 16,2% das famílias são formadas por casais com filhos em comum e por filhos anteriores ao relacionamento atual.

Nesse sentido, entende-se que as diferentes configurações familiares descritas, tenderão a ter diferentes formas de lidar com a autoridade no contexto familiar. No caso de famílias mononucleares ou reconstituídas, por exemplo, Brito (2008) notou em sua pesquisa que “pais e mães mostravam-se desorientados em relação ao desempenho dos papéis parentais após a separação, com dúvidas a respeito de como lidar com os filhos” (p.25).

Em relação à essas atitudes e práticas exercidas na interação com seus filhos, os pais podem ter diferentes formas de desempenhá-las. E, como visto anteriormente, elas são influenciadas, em grande parte, pelas crenças parentais. Sendo assim, a fim de agrupar as diversas atitudes associadas ao desempenho do papel parental, criou-se o conceito de estilos parentais, que será descrito a seguir.

## 4

### Estilos parentais

Darling e Steinberg (1993) definem os estilos parentais como uma constelação de atitudes dos pais face à criança, criando um clima emocional no qual os comportamentos paternos e/ou maternos são expressos. Conforme os autores, esses comportamentos podem ter caráter específico e serem direcionados a um objetivo, maneira pela qual os pais exercem suas obrigações para com seus filhos. Ou, ainda, podem se tratar de comportamentos não intencionais como, por exemplo, o tom de voz e a linguagem corporal. Dessa forma, os autores afirmam que, em suma, o estilo parental consiste em uma atitude global de um vasto leque de interações entre pais e filhos.

Com base nessa definição, Cardoso e Veríssimo (2013) investigam a importância da qualidade dos cuidados parentais no contexto das relações precoces. Para tal se baseiam na proposta de Baumrind (1967, 1971) que distingue três estilos parentais:

- autoritário: pais que apresentam valores reduzidos de afetividade e elevados níveis de restritividade, de modo que as atitudes e comportamentos dos filhos são influenciados, controlados e avaliados de acordo com um padrão absoluto que favorece a obediência e a punição, desencorajando a independência das crianças;

- autorizante: pais que exercem um controle firme, mas valorizam o afeto e a atenção às necessidades dos filhos, assim como, encorajam a comunicação aberta e promovem a autonomia da criança. Reconhecem seus direitos e os direitos de seus filhos e afirmam seus valores de forma clara, de modo a partilhar com a prole as razões de suas decisões;

- permissivo: pais que evitam tomar decisões de autoridade e de impor controle aos seus filhos, tendo uma atitude tolerante face aos impulsos da criança e exigindo dela poucas regras de rotina, além de colocá-la num papel em que lhe é permitido regular seu próprio comportamento.

No entanto, Costa, Teixeira e Gomes (2000) criticam a tipologia de Baumrind por não considerar a autoridade parental como uma dimensão contínua. A partir disso, os autores acrescentam as contribuições de Maccoby e Martin (1983), que propõem um modelo teórico de estilos parentais com a inclusão de duas importantes dimensões nas práticas parentais educativas: responsividade (atitude compreensiva

para com os filhos que visa, através do apoio emocional, o favorecimento da autonomia da prole) e exigência (tentativa de controle do comportamento dos filhos mediante estabelecimento de regras e limites).

Maccoby e Martin (1983) definem, então, quatro estilos parentais:

- autoritativo: pais com elevada responsividade e exigência;
- negligentes: pais com baixa responsividade e exigência;
- indulgentes: pais muito responsivos, mas pouco exigentes;
- autoritários: pais muito exigentes e pouco responsivos.

De acordo com Steinberg, Elmen e Mounts (1989), o estilo autoritativo está mais fortemente relacionado ao desenvolvimento de aspectos concebidos como positivos quando comparado aos demais estilos. O que aponta para importância da responsividade como possível facilitadora ao desenvolvimento do autoconceito positivo, da autoconfiança e do bem-estar psicológico e da exigência como possível facilitadora da regulação do comportamento.

Assim, os estilos parentais conceituados por Maccoby e Martin (1983) parecem ir além das práticas do cuidador. De acordo com as crenças e valores parentais, eles consideram o contexto dentro do qual operam os esforços dos pais para socializar os seus filhos.

Alguns estudos vêm sendo realizados para uma melhor compreensão dos estilos parentais no contexto contemporâneo. Dentre eles, o estudo de Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004), ocorrido com 239 estudantes de escolas municipais de Curitiba, com idade entre 9 e 12 anos, e com seus respectivos pais. Com o objetivo de explorar os estilos parentais tanto a partir do viés da criança, quanto de seus cuidadores, os autores aplicaram as Escalas de Responsividade e Exigência (COSTA, TEIXEIRA & GOMES, 2000) com versões adaptadas para crianças e adultos. Os resultados apontaram que apesar de haver certa concordância na resposta entre pais e filhos, foi notada uma certa tendência dos pais perceberem a si próprios como mais responsivos e exigentes do que seus filhos os percebem. Além disso, 63,3% dos pais parece estar agindo de forma inadequada (45,4% de pais negligentes, 10,1% de autoritários e 11,8% de indulgentes). De acordo com os autores, tais dados podem apontar para dificuldade dos pais de como educar seus filhos ou para crença de estarem agindo certo por terem sido educados da mesma maneira.

Também buscando explorar sobre o assunto, Falcke, Rosa e Steigleder (2012) investigaram os estilos parentais de 153 pais de crianças em idade escolar da região do Vale do Rio dos Sinos. Para os fins da pesquisa, os autores utilizaram uma ficha sociodemográfica, a Escala de Estilos Educativos (FRAGUELA & TORRES, 2005) e o Inventário de Estilos Parentais–IEP (GOMIDE, 2006). De acordo com os resultados, predominou o estilo autoritativo, seguido pelo autoritário e permissivo, respectivamente. Contudo, com base nas respostas do IEP, há um alto índice de práticas de violência, uma vez que 33,7% dos pais foram classificados como tendo estilo parental regular abaixo da média e 11,2% estilo parental de risco. Conforme os autores, tais números podem estar associados ao fato do estudo ter sido realizado, em sua maior parte, em contextos socioeconômicos baixos.

Interessadas a respeito das crenças parentais relacionadas ao uso da punição física como estratégia disciplinar, Marques e Machado (2010) realizaram um estudo com 227 crianças, que frequentavam o último ano do ensino pré-escolar – público e privado – do concelho de Ourém. Foi observada uma associação entre o baixo nível socioeconômico a uma maior aceitação da punição física. Além disso, os pais que apresentaram maior tolerância a punição física, tenderam a identificar um maior número de problemas nos filhos. Nesse sentido, foram verificadas diferenças em função do gênero, uma vez que, em termos de problemas comportamentais de externalização (relacionados a oposição às solicitações ou exigências dos adultos), os meninos apresentaram índices mais altos do que as meninas.

Igualmente empenhadas no estudo de crenças sobre a coerção e da prática coercitiva, Carmo e Alvarenga (2009), entrevistaram 40 mães com idades entre 25 e 45 anos, com filhos na faixa etária de 5 a 6 anos de ambos os sexos, sendo 20 mães de nível socioeconômico baixo e 20 mães de nível socioeconômico médio/alto. As análises das entrevistas sobre as práticas coercitivas apontaram uma correlação negativa entre a escolaridade da mãe e a punição física. Com relação as crenças sobre coerção, o grupo de nível socioeconômico médio/alto apresentou maior número de respostas na categoria eficácia do castigo. Assim, as autoras entendem que pode haver um maior número de coerções aversivas no ambiente do grupo de baixo nível socioeconômico devido à falta de recursos materiais, ao repertório restrito de práticas devido a menor escolaridade, e o efeito imediato da punição física.

Nesse sentido, Salvo, Silves e Toni (2005) se interessaram pela relação entre as práticas educativas e os problemas de comportamento e competência social. Para isso, os autores aplicaram o IEP em 30 crianças (entre 11 e 13 anos) da rede pública de Curitiba e o *Child Behavior Check List* em um de seus pais. O estudo teve por objetivo verificar quais práticas educativas seriam preditoras de comportamentos listados pelo *Child Behavior Check List*. A análise dos resultados indicou que monitoria positiva e comportamento moral são práticas preditoras de comportamentos pró-sociais e que a falta dessas práticas, somada às práticas negativas, são preditoras de distúrbios de comportamento.

Por outro lado, Weber, Brandenburg e Viezzer (2003) analisaram a relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. Para tal, foi aplicada a Escala de Responsividade e Exigência, para classificar o estilo parental, e o Questionário de Estilo de Atribuição para Crianças, para avaliação do otimismo. Participaram da pesquisa 280 alunos de duas escolas públicas de Curitiba, entre 9 e 12 anos. Os resultados apontaram que pais autoritativos foram associados a maiores escores de otimismo, enquanto os pais negligentes foram associados a menores escores de otimismo. Dessa forma, para as autoras, tais resultados sugerem que crianças educadas por cuidadores autoritativos tendem a enfrentar situações adversas de maneira mais otimista.

Já Reichert e Wagner (2006) investigaram a relação entre estilos parentais e as dimensões da autonomia desenvolvida pelos filhos. Os autores realizaram o estudo com 168 jovens de uma escola particular de Porto Alegre, com idade entre 14 e 15 anos, no qual utilizaram um questionário sociodemográfico, a Escala de Responsividade e Exigência e o Questionário de Autonomia. De acordo com os resultados, não foram encontradas relações significativas entre os estilos parentais e as diferentes dimensões de autonomia dos adolescentes. Contudo, entre as dimensões avaliadas, as meninas identificaram a intrusividade materna como a dimensão mais presente, enquanto os meninos identificaram a responsividade paterna.

Nesse sentido, o estudo realizado por Sampaio e Vieira (2008), com participação de 322 adolescentes de Curitiba, com idade entre 13 e 17 anos, buscou avaliar a influência do gênero e da ordem de nascimento dos filhos sobre as práticas parentais. Para tal, foi utilizado o IEP, no qual os filhos avaliavam as práticas educativas de seus pais, e uma folha adicional para obtenção de informações

sociodemográficas. Os resultados apontaram que as filhas avaliaram a figura paterna de forma mais negativa que os filhos, não havendo diferença significativa na avaliação materna. Além disso, primogênitos de ambos os sexos diferenciaram-se dos demais grupos por acreditarem que existe preferência parental por um dos filhos, atribuindo-a principalmente, aos caçulas. Desse modo, filhas primogênicas alegaram sofrer mais as práticas de punição inconsistente e abuso físico por parte das mães e dos pais, enquanto os filhos mais velhos julgaram apanhar mais da figura paterna.

Por fim, com o objetivo de compreender semelhanças e diferenças nos estilos parentais de pais casados e divorciados a partir da perspectiva da dupla parental, Gomes e Ribeiro (2010) realizaram um estudo com 60 pais da cidade de Lisboa, com filhos em idade escolar. Foi aplicado um questionário sociodemográfico e uma versão reduzida do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais, que é constituído por uma versão “Mãe” e uma versão “Pai”, e avalia os estilos parentais de cada um dos pais, assim como a percepção de cada um sobre as práticas parentais do outro. Os resultados do estudo demonstraram que o sexo, a escolaridade e o estado civil tendem a influenciar os estilos parentais adotado pelos pais. Desse modo, os pais divorciados apresentaram menor concordância interparental nos estilos parentais em relação aos pais casados. Além disso, em relação aos pais divorciados, o tempo de separação, o número de filhos e o agregado familiar também apareceram como variáveis que influenciam os estilos parentais. Entretanto, o estilo autoritativo apareceu como o mais recorrente tanto em pais casados, quanto separados.

Portanto, com base na literatura e nos estudos revisados, podemos afirmar que a realização de pesquisas acerca dos estilos parentais é de grande importância, na medida em que há indícios empíricos de suas relações com competências sociais, problemas de comportamento e otimismo da criança. Além disso, o estudo realizado por Gomes e Ribeiro (2010) em Lisboa apontou para diferenças no estilo parental em função da configuração familiar (casado/separado) e de outras características sociodemográficas, tais como sexo e escolaridade.

Nessa medida, partindo do princípio de que as crenças e as práticas parentais são significativamente influenciadas pela cultura e, por conseguinte, pelo contexto no qual esses pais estão inseridos, sem descartar as singularidades de cada família e de cada cuidador, entende-se que tais crenças podem influenciar tanto o estilo

parental quanto a trajetória de socialização privilegiada pelos pais. Sendo assim, a partir do estudo das crenças (que são resultado de um processo que é, ao mesmo tempo, social e individual), acredita-se ser possível uma melhor compreensão acerca dos estilos parentais e das trajetórias de socialização.

Diante da escassez de estudos nacionais que abordem a relação entre os estilos parentais e as trajetórias de socialização em diferentes configurações familiares, a presente pesquisa levanta as seguintes questões: Existe relação entre a trajetória autônomo-relacional e o estilo autoritativo? Será que as famílias nucleares e reconstituídas tendem a privilegiar a meta relacional? E as famílias mononucleares, será que priorizam metas autônomas? Será que o estilo autoritativo é predominante nas famílias nucleares? E nas famílias mononucleares e reconstituídas, será que predomina o estilo indulgente? E o gênero do cuidador? Será que ele modera essas relações? São perguntas que tentarão ser respondidas mais adiante.

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- Identificar estilos parentais e trajetórias de socialização de famílias nucleares, mononucleares e reconstituídas da cidade do Rio de Janeiro.

### **Objetivos específicos**

- Identificar o estilo parental predominante na amostra geral, em cada um dos tipos de família e em relação ao gênero do cuidador;

- Identificar a trajetória de socialização predominante na amostra geral, em cada um dos tipos de família e em relação ao gênero do cuidador;

- Identificar o sistema parental predominante na amostra geral, em cada um dos tipos de família e em relação ao gênero do cuidador;

- Identificar possíveis correlações entre estilos parentais e metas de socialização;

- Identificar possíveis correlações entre estilos parentais e sistemas parentais e;

- Identificar possíveis correlações entre metas de socialização e sistemas parentais.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa pais e mães de 25 famílias da cidade do Rio de Janeiro (10 nucleares, 10 monoparentais e 5 reconstituídas), com pelo menos um filho entre 7 e 11 anos de idade ( $M=8,60$ ;  $DP=1,30$ ). Responderam, portanto, aos questionários um total de 40 sujeitos, sendo eles: 10 pais e 10 mães das famílias nucleares, 5 pais e 5 mães das famílias reconstituídas e 10 mães das famílias monoparentais. Em relação às crianças, 20 eram meninas e 20 eram meninos.

### Instrumentos

- *Questionário sociodemográfico*: coleta de informações pertinentes a pesquisa, tais como idade, gênero, escolaridade, situação conjugal dos cuidadores, número de filhos dos cuidadores etc.

- *Inventário de metas de socialização/desenvolvimento*: *Inventário de comparação de metas de socialização* (KELLER et al., 2006; adaptada por SEIDL-DE-MOURA et al., 2008): Escala composta por 10 itens que indicam opiniões sobre metas que os pais vão tentar alcançar no desenvolvimento de seus filhos. Pede-se que indique se concorda ou não com cada item, em uma escala de 1 (se não concorda nem um pouco) a 5 (se concorda totalmente). A análise fatorial de componentes principais produziu duas dimensões: de metas de autonomia (5 itens), como por exemplo, “desenvolver competitividade” e relacionais (5 itens), tais como “obedecer aos mais velhos”. As subescalas das duas dimensões apresentaram índices adequados de fidedignidade (Alfas de Crombach de 0,93 para a subescala de metas de autonomia e 0,89 para a de metas relacionais). As duas medidas não se correlacionaram significativamente.

- *Sistemas parentais de Keller*: Foram apresentadas aos entrevistados, individualmente, cinco imagens de uma mulher com um bebê que representam, cada uma, um dos cinco sistemas parentais de Keller: cuidados básicos, estimulação corporal, contato corporal, estimulação por objeto e contato face-a-face. Foi pedido aos entrevistados que organizassem as imagens por ordem de importância: da mais importante para a menos importante. Em seguida foi solicitado que eles explicassem o motivo da prioridade. Os áudios das entrevistas foram gravados.

- *Estilos Parentais*: Foram realizadas as seguintes perguntas aos entrevistados:

- ✓ Me fale sobre o seu filho/a. Como você o descreveria?
- ✓ O que você acha importante para o desenvolvimento do seu filho/a?

### **Procedimentos éticos**

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-Rio (2017-22). Todos os participantes receberam informações oral e escrita sobre os objetivos da pesquisa, responsabilidade, método empregado e direito a se recusar a participar a qualquer momento durante a realização da pesquisa.

A inclusão no grupo de participantes foi condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I). Cada um dos participantes foi identificado por um código nas folhas dos instrumentos e seus dados pessoais constavam somente na ficha sociodemográfica, tendo, assim, suas identidades preservadas.

### **Procedimentos de coleta de dados**

O contato com as famílias foi realizado através de indicação dos membros do grupo de pesquisa Desenvolvimento, Biologia e Cultura (DBC). No primeiro contato com os cuidadores, o pesquisador solicitava sua cooperação, explicando os objetivos e método da pesquisa numa linguagem simples e clara. Havendo concordância na participação, o pesquisador pedia a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e procedia à aplicação do questionário sociodemográfico, da escala e da entrevista.

### **Procedimentos de análise de dados**

As trajetórias de socialização, que envolvem as dimensões de autonomia e relação, foram analisadas através de testes não paramétricos, uma vez que o teste de normalidade (Kolmogorov-Smirnov) indicou distribuição aproximadamente normal da dimensão de autonomia, mas não da dimensão de relação (teste KS =  $p < 0,05$ ). Dessa forma, além de estatísticas descritivas (média e desvio padrão), foram realizados o teste Wilcoxon para verificar a existência de diferença significativa entre autonomia e relação na amostra como um todo e o teste U de Mann-Whitney para testar diferenças nas dimensões entre pais e mães. Em relação

às diferenças de acordo com o tipo de família, as dimensões foram analisadas somente de forma descritiva devido ao baixo tamanho amostral.

Os sistemas parentais tiveram escores atribuídos de acordo com a ordem de importância em que os participantes organizavam as fotos. Portanto, a primeira imagem escolhida recebia valor cinco, a segunda recebia valor quatro e assim consecutivamente até a quinta foto, que recebia valor um. Diante do fato de cada imagem ter recebido um valor correspondente a sua ordem, os dados se caracterizaram como ordinal, sendo utilizados testes não paramétricos para a análise dos sistemas. Para verificar o sistema mais valorizado pela amostra como um todo e entre pais e mães foi realizado o teste de Friedman. Já para a análise dos sistemas em função do tipo de família, foram utilizadas somente estatísticas descritivas, não sendo possível realizar teste de significância devido ao tamanho da amostra.

Além disso, os dados da entrevista em que os participantes explicaram a importância de cada um dos sistemas apresentados nas fotos, foram submetidos à análise do conteúdo de frequência categorial, através da qual eram destacados os temas que emergiam a partir do discurso de cada participante. Posteriormente, tais temas foram agrupados nas seguintes categorias:

- 1) Saúde e Higiene: referente a cuidados básicos com a higiene, a alimentação, a saúde, o bem-estar etc;
- 2) Troca Afetiva: engloba a troca de afetos, os momentos compartilhados e a intimidade entre criança e cuidador;
- 3) Contato Físico: associada ao contato corpo-a-corpo e à experiência de calor emocional, expressa através do toque, do colo, do abraço etc;
- 4) Transmissão de Segurança: referente a experiência de transmitir a criança o sentimento de segurança e confiança em seu cuidador, que lhe proporciona proteção e tranquilidade;
- 5) Contato Visual: associada a troca de olhar e a identificação entre criança e cuidador;
- 6) Estimulação Corporal: envolve a estimulação da coordenação motora e da psicomotricidade através de massagens e exercícios motores e;
- 7) Brincadeira: engloba os momentos de diversão entre criança e cuidador e estimulação para despertar o interesse do bebê para objetos.

As categorias acima apresentadas tiveram suas frequências analisadas no discurso de cada participante. E a partir disso, foram utilizadas estatísticas

descritivas para verificar as categorias mais frequentes na amostra em geral, entre pais e mães e entre diferentes tipos de família. Porém, sem realização de testes de significância.

Os estilos parentais foram avaliados mediante duas perguntas. De forma semelhante à análise da pergunta sobre sistema parental, as respostas foram submetidas à análise do conteúdo de frequência categorial. A partir da primeira pergunta sobre como pais e mães descrevem os seus filhos, emergiram sete categorias, sendo elas:

1) Características Emocionais: descrevem o humor e a personalidade da criança (alegre, emotivo, corajoso, irritado etc);

2) Características Cognitivas: relacionadas a capacidade cognitiva (inteligente, atento, cético, curioso etc);

3) Características Relacionais: descrevem habilidades relacionais (amigo, carismático, comunicativo, prestativo, carinhoso etc);

4) Características Autônomas: relacionadas a autonomia (independente, organizado, responsável, decidido etc);

5) Características Comportamentais: descrevem bom e mau comportamento (comportado, obediente, respondão, teimoso etc);

6) Características do Desenvolvimento: associadas a questões do desenvolvimento (precoce, saudável, se alimenta mal etc) e;

7) Características do que Representam para os Pais: descrevem o que os filhos representam para seus pais (meu orgulho, minha razão de viver, um presente de Deus etc).

Diante da segunda pergunta, sobre o que os cuidadores consideram importante para o desenvolvimento de seus filhos, oito categorias de análise emergiram:

1) Saúde e Bem-Estar: envolve aspectos relacionados ao bem-estar e desenvolvimento sadio, tais como alimentação, atividade física, saúde emocional, ambiente propício ao desenvolvimento etc;

2) Afetividade: engloba aspectos afetivos e emocionais, como, por exemplo, amor, carinho, segurança etc;

3) Autonomia: envolve aspectos relacionados ao desenvolvimento da independência, como ter liberdade, saber o que quer, correr atrás dos objetivos, resolver as próprias questões etc;

4) Competência Escolar e Profissional: abarca aspectos associados ao sucesso escolar e profissional, tais como estudo, realização de cursos, exposição a estímulos culturais, ser bem sucedido etc;

5) Valores Interpessoais: engloba valores importantes para a vida social como, por exemplo, distinção entre certo e errado, honestidade, caridade, boa índole etc;

6) Respeito e Obediência: aspecto relacionado ao bom comportamento, ao respeito aos pais e aos mais velhos, a obediência aos pais etc;

7) Apoio Familiar: envolve a presença e o amparo familiar, a promoção do diálogo e de bons relacionamentos no interior da família e a figura dos pais como porto seguro e;

8) Valores Religiosos: engloba aspectos da vida religiosa e da crença na existência de uma divindade transcendente.

As categorias que emergiram a partir das perguntas sobre estilos parentais tiveram suas frequências analisadas na fala de cada um dos participantes. E a fim de verificar as categorias mais frequentes na amostra em geral, em pais e mães e em diferentes tipos de família, foram realizadas análises descritivas, sem a aplicação de testes de significância.

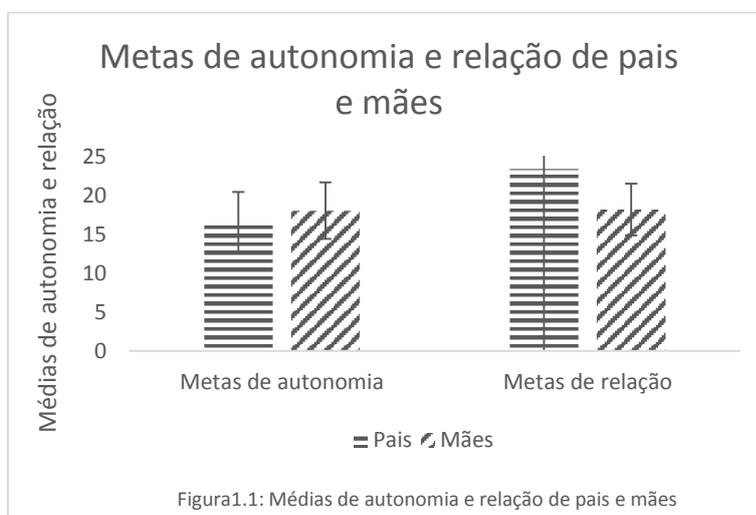
Por fim, para testar correlações entre trajetórias de socialização e sistemas parentais, trajetórias de socialização e estilos parentais e sistemas parentais e trajetórias de socialização, utilizou-se a correlação de Spearman, empregue para teste de correlações não paramétricas.

## Resultados

### Trajetórias de Socialização

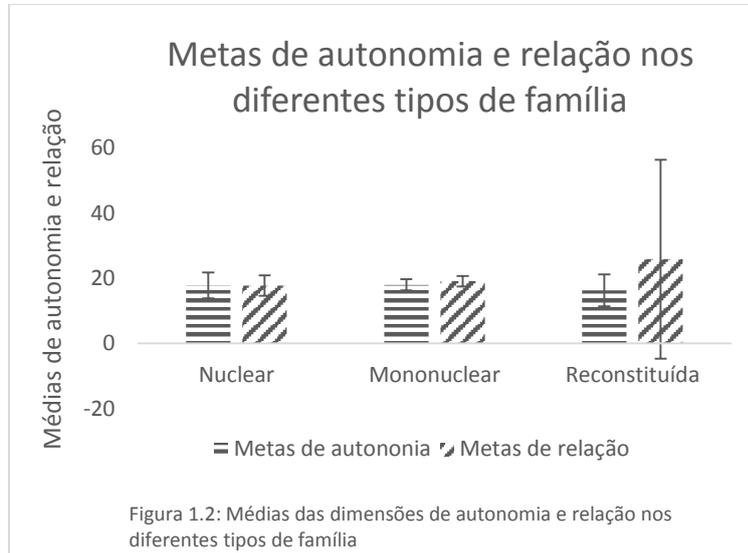
A média das metas de relação na amostra ( $M=20,15$ ;  $DP=15,24$ ) foi mais elevada do que a média das metas de autonomia ( $M=17,47$ ;  $DP=3,78$ ). No entanto, o teste Wilcoxon revelou não haver diferença significativa entre essas dimensões ( $Z=-0,96$ ;  $p>0,05$ ).

De forma semelhante, quando as dimensões foram comparadas de acordo com o gênero do cuidador (ver Figura 1.1), mães apresentaram médias de metas autônomas mais altas ( $M=18,04$ ;  $DP=3,65$ ) do que os pais ( $M=16,53$ ;  $DP=3,94$ ). Enquanto em relação às metas relacionais, pais obtiveram médias superiores ( $M=23,40$ ;  $DP=24,69$ ) quando comparadas às mães ( $M=18,20$ ;  $DP=3,33$ ). Entretanto, o teste U de Mann-Whitney indicou não haver diferenças significativas na comparação entre pais e mães nem na dimensão de autonomia ( $U=138,50$ ;  $p>0,05$ ) nem na dimensão de relação ( $U=163,50$ ;  $p>0,05$ ). Ademais, entende-se que o tamanho amostral e a atribuição de valores extremos por pais à dimensão de relação podem ter influenciado o resultado do teste de significância.



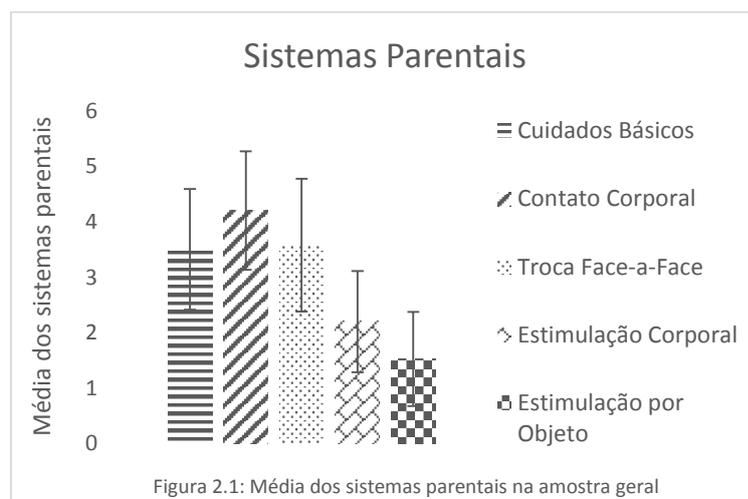
Quando comparadas as metas de autonomia e relação nos diferentes tipos de família, como pode ser observado na Figura 1.2, os cuidadores de famílias nucleares valorizaram da mesma forma as dimensões de autonomia ( $M=17,80$ ;  $DP=3,97$ ) e relação ( $M=17,80$ ;  $DP=3,16$ ). No entanto, pais e mães de famílias mononucleares e reconstituídas valorizaram mais as metas de relação ( $M=19,10$ ;  $DP=1,60$  e  $M=25,90$ ;  $DP=30,53$ ) quando comparadas às metas de autonomia ( $M=18,00$ ;  $DP=1,70$  e  $M=16,30$ ;  $DP=4,88$ ). Contudo, não foi possível realizar um teste de

significância entre essas amostras devido ao seu tamanho. Além disso, a amostra de famílias reconstituídas apresentou um desvio bastante elevado na dimensão de relação, o que pode apontar para valores extremos atribuídos às metas dessa dimensão.



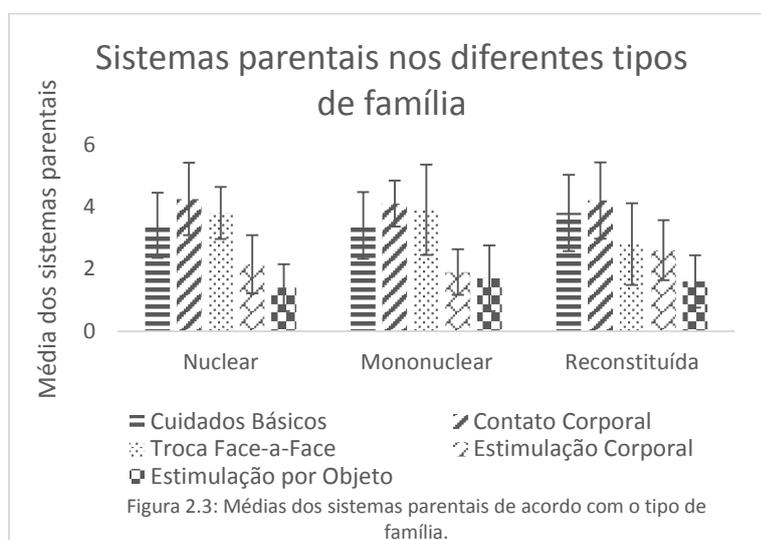
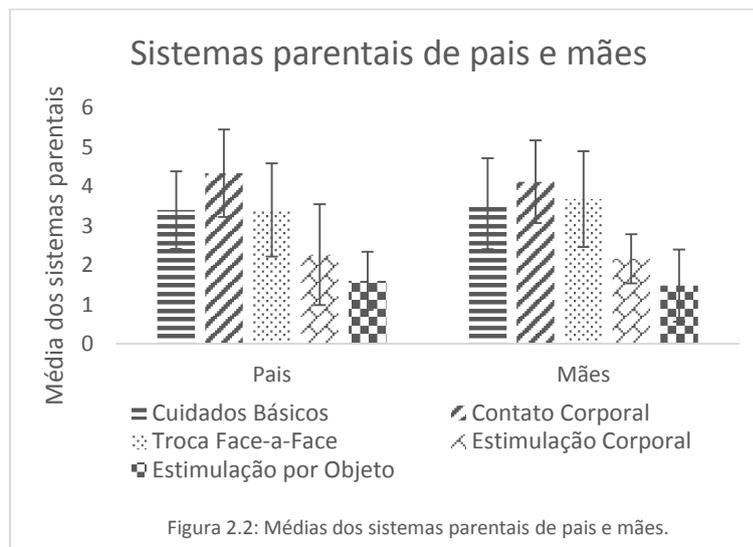
## Sistemas Parentais

A análise dos escores atribuídos de acordo com a ordem de importância que os participantes organizaram as fotos dos sistemas parentais indicaram que o sistema mais valorizado é o contato corporal ( $M=4,20$ ;  $DP=1,07$ ), como pode ser observado na Figura 2.1. O teste de Friedman apontou que esse sistema difere de forma significativa dos demais sistemas ( $\chi^2_4=77,38$ ;  $p<0,05$ ).



Em relação ao gênero do cuidador, como demonstrado na Figura 2.2, o contato corporal também foi considerado o sistema predominante em pais ( $M=4,33$ ;  $DP=1,11$ ) e mães ( $M=4,12$ ;  $DP=1,05$ ), diferindo de forma significativa, de acordo

com teste de Friedman, na amostra de homens ( $\chi^2_4=27,57$ ;  $p<0,05$ ) e de mulheres ( $\chi^2_4=50,46$ ;  $p<0,05$ ). Da mesma forma ocorreu em relação aos tipos de família, sendo o contato corporal o sistema mais valorizado em famílias nucleares ( $M=4,25$ ;  $DP=1,16$ ), mononucleares ( $M=4,19$ ;  $DP=0,74$ ) e reconstituídas ( $M=4,20$ ;  $DP=1,22$ ). Contudo, nesse caso, o teste de significância não pôde ser realizado devido ao tamanho amostral (ver Figura 2.3).



Se tratando das categorias de sistemas parentais que emergiram a partir da explicação das fotos, a categoria Troca Afetiva foi a que apresentou uma maior frequência no discurso dos participantes em geral ( $M=4,53$ ;  $DP=5,72$ ). Por outro lado, as categorias Estimulação Corporal ( $M=0,75$ ;  $DP=1,10$ ) e Transmissão de Segurança ( $M=0,70$ ;  $DP=1,11$ ) foram as menos frequentes nas respostas dos cuidadores (ver Tabela 1.1).

<b>Categorias</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Saúde e Higiene	2,55	1,78
Troca Afetiva	4,53	5,72
Contato Físico	2,20	2,10
Transmissão de Segurança	0,70	1,11
Contato Visual	1,83	1,99
Estimulação Corporal	0,75	1,10
Brincadeira	2,15	1,69

Tabela 1.1: Frequência das categorias de sistemas parentais na amostra geral

A análise da frequência das categorias de sistemas parentais de acordo com o gênero do cuidador, apresentou resultados semelhantes (ver Tabela 1.2). A categoria Troca Afetiva foi a mais frequente no discurso de pais ( $M=4,13$ ;  $DP=6,13$ ) e de mães ( $M=4,76$ ;  $DP=5,59$ ). Da mesma forma, Estimulação Corporal e Transmissão de Confiança foram as categorias que obtiveram menores frequências tanto em pais quanto em mães. Contudo, Estimulação Corporal foi a menos mencionada por mães ( $M=0,76$ ;  $DP=0,83$ ) e Transmissão de Segurança a menos mencionada por pais ( $M=0,20$ ;  $DP=0,53$ ).

<b>Categorias</b>	<b>Pais</b>		<b>Mães</b>	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Saúde e Higiene	2,47	1,81	2,60	1,80
Troca Afetiva	4,13	6,13	4,76	5,59
Contato Físico	1,87	1,51	2,40	2,40
Transmissão de Segurança	0,20	0,53	1,00	1,26
Contato Visual	1,73	1,62	1,88	2,22
Estimulação Corporal	0,73	1,49	0,76	0,83
Brincadeira	2,33	1,99	2,04	1,51

Tabela 1.2: Frequência das categorias de sistemas parentais em pais e mães

No que diz respeito aos diferentes tipos de família, cuidadores de famílias nucleares ( $M=5,90$ ;  $DP=7,61$ ), mononucleares ( $M=3,50$ ;  $DP=1,51$ ) e reconstituídas ( $M=2,80$ ;  $DP=2,97$ ) também trouxeram com maior frequência em suas respostas a categoria Troca Afetiva (ver Tabela 1.3). De maneira semelhante, as categorias menos frequentes nos três tipos de família foram as de Estimulação Corporal e Transmissão de Confiança, sendo a última a menos citada em famílias nucleares ( $M=0,70$ ;  $DP=1,13$ ) e reconstituídas ( $M=0,60$ ;  $DP=1,35$ ) e a Estimulação Corporal menos citada em famílias mononucleares ( $M=0,60$ ;  $DP=0,52$ ).

Categorias	Nuclear		Mononuclear		Reconstituída	
	M	DP	M	DP	M	DP
Saúde e Higiene	2,60	2,16	2,60	1,78	2,40	0,84
Troca Afetiva	5,90	7,61	3,50	1,51	2,80	2,97
Contato Físico	2,50	2,48	1,70	1,64	2,10	1,73
Transmissão de Segurança	0,70	1,13	0,80	0,92	0,60	1,35
Contato Visual	2,20	2,02	2,00	2,31	0,90	1,45
Estimulação Corporal	0,85	1,31	0,60	0,52	0,70	1,16
Brincadeira	2,50	2,03	1,60	0,97	2,00	1,41

Tabela 1.3: Frequência das categorias de sistemas parentais em diferentes tipos de famílias

## Estilos Parentais

A partir da primeira pergunta sobre como pais e mães descrevem os seus filhos, a categoria de Características Relacionais foi a mais frequente no discurso dos cuidadores em geral ( $M=2,64$ ;  $DP=2,37$ ). Por outro lado, Características Autônomas ( $M=0,48$ ;  $DP=1,43$ ) e Características do Desenvolvimento ( $M=0,80$ ;  $DP=1,32$ ) foram as categorias menos citadas pelos participantes (ver tabela 2.1).

Categorias	M	DP
Características Emocionais	1,78	2,50
Características Cognitivas	1,33	1,51
Características Relacionais	2,65	2,37
Características Autônomas	0,48	1,43
Características Comportamentais	1,73	1,77
Características do Desenvolvimento	0,80	1,32
Características do que representam para os pais	1,10	1,66

Tabela 2.1: Frequência das categorias sobre características infantis na amostra geral

Em relação ao gênero do cuidador, a descrição de Características Relacionais foi predominante tanto nas respostas de pais ( $M=2,07$ ;  $DP=2,34$ ) quanto de mães ( $M=3,00$ ;  $DP=2,36$ ). No entanto, como pode ser observado na Tabela 2.2, as Características Autônomas foram as menos frequentes no discurso de pais ( $M=0,20$ ;  $DP=0,78$ ) enquanto as Características do que representam para os pais foram as menos frequentes no discurso de mães ( $M=0,60$ ;  $DP=1,23$ ).

Categorias	Pais		Mães	
	M	DP	M	DP
Características Emocionais	1,33	2,35	2,04	2,59
Características Cognitivas	1,40	1,45	1,28	1,57
Características Relacionais	2,07	2,34	3,00	2,36
Características Autônomas	0,20	0,78	0,64	1,71
Características Comportamentais	1,40	2,06	1,92	1,58
Características do Desenvolvimento	0,80	1,26	0,80	1,38
Características do que representam para os pais	1,93	1,98	0,60	1,23

Tabela 2.2: Frequência das categorias sobre características infantis em pais e mães

De forma semelhante, em famílias nucleares ( $M=2,05$ ;  $DP=1,99$ ), mononucleares ( $M=3,00$ ;  $DP=2,40$ ) e reconstituídas ( $M=3,50$ ;  $DP=2,92$ ), a categoria de Características Relacionais foi a mais frequente (ver Tabela 2.3). Contudo, em famílias nucleares, ela apareceu com a mesma frequência de Características Comportamentais ( $M=2,05$ ;  $DP=2,16$ ). Além disso, a categoria menos frequente em famílias nucleares foi a de Características do Desenvolvimento ( $M=0,60$ ;  $DP=0,94$ ), enquanto em famílias mononucleares foi a de Características do que representam para os pais ( $M=0,20$ ;  $DP=0,42$ ) e em famílias reconstituídas foi a de Características Autônomas ( $M=0,40$ ;  $DP=0,97$ ).

Categorias	Nuclear		Mononuclear		Reconstituída	
	M	DP	M	DP	M	DP
Características Emocionais	1,90	2,22	2,30	3,56	1,00	1,70
Características Cognitivas	1,30	1,42	1,30	1,16	1,40	2,07
Características Relacionais	2,05	1,99	3,00	2,40	3,50	2,92
Características Autônomas	0,60	1,88	0,30	0,68	0,40	0,97
Características Comportamentais	2,05	2,16	1,50	1,18	1,30	1,33
Características do Desenvolvimento	0,60	0,94	0,50	1,08	1,50	1,96
Características do que representam para os pais	1,60	2,06	0,20	0,42	1,00	1,16

Tabela 2.3: Frequência das categorias sobre características infantis nos diferentes tipos de família

A partir da segunda pergunta, na qual os cuidadores eram indagados sobre o que consideram ser importante para o desenvolvimento de seus filhos, a categoria Competência Escolar e Profissional ( $M=1,75$ ;  $DP=1,77$ ) foi a mais citada pela amostra geral (ver Tabela 2.4), seguida pela categoria Apoio Familiar ( $M=1,68$ ;  $DP=2,61$ ). Já a categoria Respeito e Obediência, foi a que apresentou a menor frequência ( $M=0,48$ ;  $DP=0,85$ ).

Categorias	M	DP
Saúde e Bem-Estar	0,60	1,17
Afetividade	0,93	1,47
Autonomia	0,83	2,52
Competência Escolar e Profissional	1,75	1,77
Valores Interpessoais	1,28	1,78
Respeito e Obediência	0,48	0,85
Apoio Familiar	1,68	2,61
Valores Religiosos	0,65	2,25

Tabela 2.4: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento na amostra geral

Sobre os aspectos considerados importantes por pais e mães para o desenvolvimento das crianças, homens trouxeram com maior frequência a Competência Escolar e Profissional ( $M=1,60$ ;  $DP=1,81$ ), seguida pela Apoio Familiar ( $M=1,33$ ;  $DP=2,44$ ). No entanto, nas respostas femininas, a categoria Apoio Familiar foi a mais frequente ( $M=1,88$ ;  $DP=2,73$ ), seguida pela Competência Escolar e Profissional ( $M=1,84$ ;  $DP=1,77$ ). Além disso, como pode ser observado na Tabela 2.5, a categoria menos frequente para pais foi a de Autonomia ( $M=0,20$ ;  $DP=0,41$ ), enquanto para mães foi a de Respeito e Obediência ( $M=0,36$ ;  $DP=0,70$ ).

Categorias	Pais		Mães	
	M	DP	M	DP
Saúde e Bem-Estar	0,60	1,40	0,60	1,04
Afetividade	0,80	1,47	1,00	1,50
Autonomia	0,20	0,41	1,20	3,14
Competência Escolar e Profissional	1,60	1,81	1,84	1,77
Valores Interpessoais	1,27	1,71	1,28	1,86
Respeito e Obediência	0,67	1,05	0,36	0,70
Apoio Familiar	1,33	2,44	1,88	2,73
Valores Religiosos	0,87	2,59	0,52	2,06

Tabela 2.5: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento em pais e mães

Por fim, na Figura 2.6, pode-se observar a frequência de categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento de acordo com o tipo de família. Em famílias nucleares, Competência Escolar e Profissional ( $M=1,85$ ;  $DP=1,76$ ) e Valores Interpessoais ( $M=1,60$ ;  $DP=1,81$ ) foram as categorias mais frequentes. Já em famílias mononucleares, a categoria predominante foi a de Competência Escolar e Profissional ( $M=2,10$ ;  $DP=2,13$ ) e em famílias reconstituídas prevaleceu a categoria de Apoio Familiar ( $M=2,50$ ;  $DP=3,38$ ). Em relação às categorias de menor frequência, em famílias nucleares, o Respeito e a Obediência foi a menos mencionada ( $M=0,30$ ;  $DP=0,66$ ), enquanto a categoria de Valores Religiosos não foi citada nem por cuidadores de famílias mononucleares, nem reconstituídas.

Categorias	Nuclear		Mononuclear		Reconstituída	
	M	DP	M	DP	M	DP
Saúde e Bem-Estar	0,85	1,35	0,20	0,42	0,50	1,27
Afetividade	0,80	1,51	1,30	1,89	0,80	0,92
Autonomia	1,15	3,47	0,40	0,97	0,60	0,84
Competência Escolar e Profissional	1,85	1,76	2,10	2,13	1,20	1,40
Valores Interpessoais	1,60	1,81	0,60	1,58	1,30	1,89
Respeito e Obediência	0,30	0,66	0,50	0,97	0,80	1,03
Apoio Familiar	1,45	2,59	1,30	1,70	2,50	3,38
Valores Religiosos	1,30	3,08	0,00	0,00	0,00	0,00

Tabela 2.6: Frequência das categorias sobre aspectos importantes para o desenvolvimento nos diferentes tipos de famílias

## Relações entre Trajetórias de Socialização, Sistemas e Estilos Parentais

O teste de Spearman, para correlações não paramétricas, indicou correlação positiva entre metas de autonomia e o sistema troca face-a-face ( $\rho=0,47$ ;  $p<0,05$ ) e correlação negativa entre metas de autonomia e cuidados básicos ( $\rho=-0,35$ ;  $p<0,05$ ). Além disso, metas de autonomia se correlacionou positivamente com metas de relação ( $\rho=0,54$ ;  $p<0,05$ ) e os sistemas troca face-a-face e cuidados básicos ( $\rho=-0,70$ ;  $p<0,05$ ), contato corporal e estimulação por objeto ( $\rho=-0,37$ ;  $p<0,05$ ) e troca face-a-face e estimulação corporal ( $\rho=-0,44$ ;  $p<0,05$ ) se correlacionaram negativamente (ver Tabela 3.1).

Correlação de Spearman							
	Metas de Autonomia	Metas de Relação	Cuidados Básicos	Contato Corporal	Troca Face-a-Face	Estimulação Corporal	Estimulação por Objeto
Metas de Autonomia	1	0,535**	-0,352*	0,14	0,468**	-0,137	0,12
Metas de Relação	0,535**	1	-0,178	0,025	0,200	-0,148	0,031
Cuidados Básicos	-0,352*	-0,178	1	-0,227	-0,700**	0,185	0,220
Contato Corporal	0,14	0,025	-0,227	1	-0,216	-0,204	-0,374*
Troca Face-a-Face	0,468**	0,200	-0,700**	-0,216	1	-0,444*	0,241
Estimulação Corporal	-0,137	-0,148	0,185	-0,204	-0,444*	1	-0,268
Estimulação por Objeto	0,12	0,031	0,220	-0,374*	0,241	-0,268	1

Tabela 3.1: Correlações entre Metas de Socialização e Sistemas Parentais.

\*\*Correlação é significativa no nível 0,01.

\*Correlação é significativa no nível 0,05.

Ao testar as correlações entre as dimensões das metas de socialização e as categorias geradas a partir da pergunta sobre as características infantis, não foram observadas correlações entre elas (ver Tabela 3.2). Contudo, correlações positivas foram verificadas entre características emocionais e relacionais ( $\rho=0,34$ ;  $p<0,05$ ) e características autônomas e relacionais ( $\rho=0,34$ ;  $p<0,05$ ).

Um outro teste de correlação, entre as dimensões das metas de socialização e as categorias geradas a partir da pergunta sobre aspectos considerados importantes para o desenvolvimento, indicou correlação positiva entre metas relacionais e autonomia ( $\rho=0,32$ ;  $p<0,05$ ). Além disso, como está apresentado na Tabela 3.3, foi observada uma correlação negativa entre afetividade e competência escolar e profissional ( $\rho=-0,33$ ;  $p<0,05$ ) e uma correlação positiva entre valores religiosos e competência escolar e profissional ( $\rho=0,35$ ;  $p<0,05$ ).

Correlação de Spearman									
	Metas de Autonomia	Metas de Relação	Caract. Emocionais	Caract. Cognitivas	Caract. Relacionais	Caract. Autônomas	Caract. Comportamentais	Caract. do Desenvolvimento	Caract. do que representam p/ pais
Metas de Autonomia	1	0,535**	0,249	-0,124	0,162	0,168	0,506	-0,070	-0,044
Metas de Relação	0,535**	1	0,007	0,228	0,113	0,065	0,098	0,155	-0,119
Caract. Emocionais	0,249	0,007	1	-0,080	0,339*	0,272	-0,020	0,136	0,030
Caract. Cognitivas	-0,124	0,228	-0,080	1	0,014	0,154	-0,190	0,311	-0,194
Caract. Relacionais	0,162	0,113	0,339*	0,014	1	0,341*	-0,188	0,309	-0,139
Caract. Autônomas	0,168	0,065	0,272	0,154	0,341*	1	0,018	0,004	-0,124
Caract. Comportamentais	0,056	0,098	-0,020	-0,190	-0,188	0,018	1	-0,037	-0,112
Caract. do Desenvolvimento	-0,070	0,155	0,136	0,311	0,309	0,004	-0,037	1	-0,111
Caract. do que representam p/ pais	-0,044	-0,119	0,030	-0,194	-0,139	-0,124	-0,112	-0,111	1

Tabela 3.2: Correlações entre Metas de Socialização e Características Infantis.

\*\*Correlação é significativa no nível 0,01.

\*Correlação é significativa no nível 0,05.

Correlação de Spearman										
	Metas de Autonomia	Metas de Relação	Saúde e Bem-Estar	Afetividade	Autonomia	Competência Escolar e Profissional	Valores Interpessoais	Respeito e Obediência	Apoio Familiar	Valores Religiosos
Metas de Autonomia	1	0,535**	-0,065	-0,025	0,309	0,149	0,155	0,309	-0,060	-0,073
Metas de Relação	0,535**	1	-0,090	-0,240	0,324*	0,056	0,084	0,252	-0,036	-0,251
Saúde e Bem-Estar	-0,065	-0,090	1	-0,215	0,209	0,048	-0,063	-0,284	-0,099	0,121
Afetividade	-0,025	-0,240	-0,215	1	0,072	-0,331*	0,199	0,258	0,196	0,010
Autonomia	0,309	0,324*	0,209	0,072	1	-0,135	0,285	0,244	0,024	-0,215
Competência Escolar e Profissional	0,149	0,056	0,048	-0,331*	-0,135	1	0,015	0,055	-0,084	0,354*
Valores Interpessoais	0,155	0,084	-0,063	0,199	0,285	0,015	1	0,047	-0,018	0,303
Respeito e Obediência	0,309	0,252	-0,284	0,258	0,244	0,055	0,047	1	0,088	-0,047
Apoio Familiar	-0,060	-0,036	-0,099	0,196	0,024	-0,084	-0,018	0,88	1	0,041
Valores Religiosos	-0,073	-0,251	0,121	0,010	-0,215	0,354*	0,303	-0,047	0,041	1

Tabela 3.3: Correlações entre Metas de Socialização e Aspectos Valorizados no Desenvolvimento Infantil.

\*\*Correlação é significativa no nível 0,01.

\*Correlação é significativa no nível 0,05

Por fim, não foram encontradas correlações entre os sistemas parentais e as categorias geradas a partir da pergunta sobre as características infantis. Mas entre os sistemas e as categorias que emergiram da pergunta sobre aspectos considerados importantes para o desenvolvimento foram observadas as seguintes correlações (Tabela 3.4): correlações positivas entre cuidados básicos e saúde e bem-estar ( $\rho=0,31$ ;  $p<0,05$ ), entre contato corporal e afetividade ( $\rho=0,39$ ;  $p<0,05$ ) e entre contato corporal e valores interpessoais ( $\rho=0,34$ ;  $p<0,05$ ). Além disso, foi verificada uma correlação negativa entre cuidados básicos e respeito e obediência ( $\rho=-0,44$ ;  $p<0,05$ ).

		Correlação de Spearman												
	Cuidados Básicos	Contato Corporal	Troca Face-a-Face	Estimulação Corporal	Estimulação por objeto	Saúde e Bem-Estar	Afetividade	Autonomia	Competência Escolar e Profissional	Valores Interpessoais	Respeito e Obediência	Apoio Familiar	Valores Religiosos	
Cuidados Básicos	1	-0,227	-0,700**	0,185	0,220	0,313*	-0,158	-0,045	-0,106	-0,276	-0,435**	-0,252	-0,130	
Contato Corporal	-0,227	1	-0,216	-0,204	-0,374*	-0,072	0,390*	0,179	-0,108	0,339*	0,118	0,130	0,178	
Troca Face-a-Face	-0,700**	-0,216	1	-0,444*	0,241	-0,238	-0,025	-0,044	0,233	0,144	0,249	0,118	0,102	
Estimulação Corporal	0,185	-0,204	-0,444*	1	-0,268	-0,047	-0,073	-0,143	-0,101	-0,202	-0,054	0,103	-0,143	
Estimulação por objeto	0,220	-0,374*	0,241	-0,268	1	-0,076	-0,069	-0,089	0,016	-0,051	0,046	0,013	-0,020	
Saúde e Bem-Estar	0,313*	-0,072	-0,238	-0,047	-0,076	1	-0,215	0,209	0,048	-0,063	-0,284	-0,099	0,121	
Afetividade	-0,158	0,390*	-0,025	-0,073	-0,069	-0,215	1	0,072	-0,331*	0,199	0,258	0,196	0,010	
Autonomia	-0,045	0,179	-0,044	-0,143	-0,089	0,209	0,072	1	-0,135	0,285	0,244	0,024	-0,215	
Competência Escolar e Profissional	-0,106	-0,108	0,233	-0,101	0,016	0,048	-0,331*	-0,135	1	0,015	0,055	-0,084	0,354*	
Valores Interpessoais	-0,276	0,339*	0,144	-0,202	0,051	-0,063	0,199	0,285	0,015	1	0,047	-0,018	0,303	
Respeito e Obediência	-0,435**	0,118	0,249	-0,054	0,046	-0,284	0,258	0,244	0,055	0,047	1	0,088	-0,047	
Apoio Familiar	-0,252	0,130	0,118	0,103	0,013	-0,099	0,196	0,024	-0,084	-0,018	0,88	1	0,041	
Valores Religiosos	-0,130	0,178	0,102	-0,143	-0,020	0,121	0,010	-0,215	0,354*	0,303	-0,047	0,041	1	

Tabela 3.4: Correlações entre Sistemas Parentais e Aspectos Valorizados no Desenvolvimento Infantil.

\*\*Correlação é significativa no nível 0,01.

\*Correlação é significativa no nível 0,05.

## Discussão

### Trajetórias de Socialização

As crenças ou etnoteorias parentais são construídas nas relações sociais sendo fortemente influenciadas pelo contexto. Dessa forma, funcionam como organizadores mentais para as ações, mas não correspondem, necessariamente, às práticas parentais, uma vez que a sua construção conta com um sujeito que é atuante com suas idiossincrasias (LIGTHFOOT & VALSINER, 1992).

Nessa medida, entende-se que são essas crenças que vão orientar a trajetória de socialização de pais e mães, as metas e sistemas parentais priorizados no desenvolvimento de seus filhos, assim como o estilo parental desses cuidadores.

Os resultados desse estudo indicaram não haver diferença significativa entre as dimensões de autonomia e relação dos participantes em geral, o que caracteriza a amostra com o modelo autônomo-relacional, típico em famílias de classe média urbana em sociedades tradicionalmente interdependentes (KAGITÇIBASI, 1996, 2005, 2007). Tal resultado está em consonância com estudos anteriores nos quais mães de capitais valorizaram igualmente as dimensões de autonomia e relação em suas metas de socialização (SILVA & MAGALHÃES, 2011; VIEIRA & COLABORADORES, 2010; MACARINI & VIEIRA, 2009; SILVA & COLABORADORES, 2005; SEIDL-DE-MOURA & COLABORADORES, 2004).

Além, disso apesar de pais apresentarem maiores médias na dimensão de autonomia e de mães apresentarem maiores médias na dimensão de relação, não foram encontradas diferenças significativas na comparação entre pais e mães em nenhuma das duas dimensões. Tal resultado também corrobora com a literatura, que indica que pais e mães valorizam a autonomia, mas também a relação, sugerindo que ambos possuem tendência de socialização para autonomia-relacional (BANDEIRA & SEIDL-DE-MOURA, 2012; BANDEIRA, SEIDL-DE-MOURA & VIEIRA, 2009). Contudo, o baixo nível de significância entre as diferenças também pode ter sido influenciado pela presença de valores extremos e pelo reduzido tamanho amostral.

Em relação aos tipos de famílias, pais e mães de famílias nucleares apresentaram médias idênticas nas dimensões de autonomia e relação, também apontando para um modelo autônomo-relacional. No entanto, embora não tenha

sido possível realizar um teste de significância, cuidadores de famílias monoparentais e reconstituídas apresentaram médias mais elevadas em metas relacionais.

De acordo com o estudo de Westphal e colaboradores (2010) sobre metas de socialização e alocentrismo familiar, há uma correlação positiva entre metas relacionais e a dimensão alocêntrica, o que indica que quanto mais próximas da família as mães relatam ser, mais elas tendem a estabelecer metas de socialização relacionais para os filhos. Nesse sentido, é possível que em famílias reconstituídas, nas quais há um número maior de pessoas devido a junção de membros da família anterior com membros da atual família, a proximidade familiar seja mais evidente, o que pode explicar a prevalência de metas relacionais nesse tipo de família. No entanto, deve-se considerar o elevado desvio padrão das metas de relação nessa configuração familiar, o que pode indicar a influência de valores extremos na média obtida.

Em relação às mães de famílias mononucleares, ainda que não haja um respaldo teórico a respeito, a hipótese formulada é a de que, o fato de por vezes o(s) filho(s) serem suas únicas companhias no ambiente domiciliar, a dimensão relacional ganhe um peso maior, na medida em que a autonomia pode levar a independência da criança em relação a essas mães. Tal hipótese pode ser ilustrada na fala de uma das mães entrevistadas:

‘Ela é assim... É minha parceira. Sempre foi minha parceira desde quando nasceu. Sempre fomos só eu e ela desde que ela nasceu. Então, antes dela nascer, eu e o pai dela, a gente já não tinha uma vida a dois. E a gente é assim, muito próxima uma da outra. Então, assim, é minha amigona. Pra mim ela é tudo.’ (M.B., mãe, família mononuclear)

## Sistemas Parentais

No que diz respeito aos sistemas parentais, podemos entender que se apoiam em diferentes trajetórias de socialização. Assim, enquanto o modelo relacional está relacionado a um estilo mais proximal, no qual se enfatiza o contato e a estimulação corporal, o modelo autônomo está associado a um estilo distal, onde a troca face-a-face e a estimulação por objeto são priorizadas (KELLER & CHASIOTIS, 2007).

De acordo com os resultados obtidos, o contato corporal foi o sistema mais enfatizado na amostra geral, nas amostras de pais e mães e nas três amostras de famílias. O que indica que, independentemente do gênero do cuidador e do tipo de

família, pais e mães do contexto investigado priorizam um sistema de cuidado proximal no qual a proteção do bebê e a transmissão de calor emocional, ou seja, o afeto expresso pelo cuidador na relação com seu filho, são privilegiadas.

Além disso, em relação às categorias de sistemas parentais que emergiram a partir da explicação das fotos, foi observado que a categoria troca afetiva, que contempla a troca de afetos, os momentos compartilhados e a intimidade entre criança e cuidador, foi a mais frequente no discurso dos participantes em geral, no de pais e mães e no dos três diferentes tipos de família. Tal resultado corrobora com o sistema privilegiado pela amostra, na medida em que tanto o sistema de contato corporal quanto a categoria de troca afetiva, envolvem a dimensão relacional na qual os afetos são expressos.

Por outro lado, apesar da diferença significativa do sistema cuidado corporal em relação aos demais, o segundo sistema mais priorizado pela amostra, com uma média um pouco maior que ao de cuidados básicos, é o de troca face-a-face. Essa ordem de prioridade se mantém, independentemente do gênero do cuidador e do tipo de família, com exceção de cuidadores de família reconstituída, na qual os cuidados básicos antecedem a troca face-a-face.

A partir disso, pode-se entender que, embora haja predominância do cuidado corporal nos diferentes cenários investigados, a aparição do sistema de troca face-a-face como o segundo mais priorizado na maioria desses cenários, sugere que amostra estudada, assim como na análise de metas de socialização, possui um modelo autônomo-relacional. Isso porque, enquanto o contato corporal está associado ao modelo relacional, a troca face-a-face, que oferece ao bebê a experiência de percepção contingente, está associada ao modelo autônomo (KELLER & CHASIOTIS, 2007). É o que pode ser ilustrado na resposta de um dos participantes:

‘Eu ordenei as fotos nessa ordem porque a primeira coisa de uma criança, eu acredito que é o afeto da mãe com o filho, o reconhecimento do calor humano. A segunda foto, eu creio, que quando a mãe olha no olho da criança, ela é... Com eu vou falar? Ela passa confiança pra essa criança. A criança acredita mais nela.’ (E.F., pai, família nuclear)

Esses resultados, também estão em consonância com a literatura atual (PESSÔA & COLABORADORES, 2016), na qual observa-se que os sistemas mais valorizados por cuidadores da cidade do Rio de Janeiro, são justamente os de contato corporal e troca face-a-face, o que indica, de acordo com as autoras, uma

trajetória autônomo-relacional. Tais achados podem apontar para uma certa homogeneidade cultural do contexto investigado, uma vez que ideias culturais tendem a contribuir para os caminhos que os pais organizam as configurações do dia-a-dia de seus filhos e para a formação de crenças parentais (HARKNESS & SUPER, 1992), o que se reflete nas trajetórias de desenvolvimento infantil e nos sistemas de cuidados priorizados.

### **Estilos Parentais**

A compreensão dos estilos parentais a partir do modelo teórico de Maccoby e Martin (1983), inclui duas importantes dimensões da prática educativa, a responsividade e a exigência, levando em consideração o contexto dentro do qual os pais operam esforços para socialização de seus filhos. Partindo desse pressuposto, nenhum instrumento com evidências de validade adequadas a amostra foi encontrado na literatura.

Sendo assim, a análise dos estilos parentais foi realizada a partir de duas perguntas. Essas perguntas tiveram por objetivo avaliar as dimensões de responsividade e exigência presentes na proposta teórica de estilos parentais de Maccoby e Martin (1983).

A primeira pergunta tratava-se de uma descrição dos filhos a partir dos pais. A partir dessa pergunta, notou-se a prevalência da categoria referente às características relacionais da criança na amostra geral, tais como: amigo, carismático, prestativo, carinhoso etc. O mesmo ocorreu nas amostras de pais e mães e nas três amostras de família o que mais uma vez parece indicar para uma homogeneidade cultural do contexto estudado, que valoriza características infantis associadas a relação.

Tal resultado possui semelhança com o de pais holandeses em estudo transcultural realizado por Harkness e Super (2006) com cuidadores de seis diferentes países. Nesse estudo, pais das seis amostras, na maioria das vezes, descreveram seus filhos como sociáveis, carinhosos, ativos e de temperamento forte. Contudo, pais holandeses enfatizaram as habilidades sociais das crianças, tal como na presente pesquisa, e a capacidade de atenção.

Por outro lado, cabe ressaltar que em famílias nucleares a categoria características comportamentais obteve a mesma frequência que a categoria características relacionais. Nesse sentido, pode-se entender que para esse tipo

específico de família as características comportamentais da criança, que envolvem bons e maus comportamentos como ser comportado, obediente, respondão, teimoso etc, são tão enfatizadas quanto as relacionais, tais como ser carismático, comunicativo, prestativo, carinhoso etc. A hipótese formulada a esse respeito é de que, em função do fato desse tipo de família ser um dos mais antigos e tradicionais, é possível que a obrigação e a obediência continuem a ter lugar central, como no passado (SARTI, 2004a, 2004b), nessa configuração familiar. Porém, acrescida da dimensão relacional.

Já em relação a segunda pergunta, sobre aspectos que pais e mães consideram importantes para o desenvolvimento de seus filhos, foi observado que a categoria competência escolar e profissional foi a mais valorizada pelos participantes em geral, seguida pela categoria apoio familiar, com médias muito próximas. Tal resultado aponta para a grande importância atribuída a educação formal e a presença e apoio da família para um desenvolvimento satisfatório de seus filhos.

Algo semelhante ocorreu diante da comparação entre as amostras de pais e mães. Pais também valorizaram mais a competência escolar e profissional, seguida pelo apoio familiar, enquanto mães enfatizaram primeiramente o apoio familiar e logo após, com uma grande proximidade de médias, a competência escolar e profissional. O que pode sugerir uma ênfase maior da educação formal por parte dos pais e uma forte valorização da presença e do apoio familiar por parte das mães.

Sobre os tipos de família, para pais e mães de famílias mononucleares, predominou a competência escolar e profissional, assim como para mães de famílias mononucleares. Já para cuidadores de famílias reconstituídas, predominou a categoria de apoio familiar. Esse resultado indica que o amparo familiar e a promoção do diálogo e de bons relacionamentos no interior da família é algo mais valorizado nesse tipo de família em relação aos demais. Uma possível explicação para isso é que, diante de uma possível desorientação do papel parental decorrente do processo de separação (BRITO, 2008) e da formação de uma nova família, mostrar-se disponível, oferecer apoio e manter relações familiares saudáveis seja algo visto como essencial por esses pais.

Além disso, apesar de, na primeira pergunta, as características comportamentais surgirem como uma das mais importantes para famílias nucleares, a categoria respeito e obediência aparece na maioria dos cenários como um dos aspectos menos valorizados pelos participantes. Inclusive, é a categoria menos

valorizada na amostra geral, por mães e por cuidadores de famílias nucleares. O que aparenta certa contradição, pode estar associado ao fato das crenças parentais funcionarem como organizadores e não se traduzirem, necessariamente, em práticas parentais (SANTANA, 2006; LIGTHFOOT & VALSINER, 1992).

Portanto, a partir da análise das respostas às duas perguntas mencionadas, pode-se sugerir que os participantes em geral parecem ter um estilo parental indulgente (MACCOBY & MARTIN, 1983), no qual a responsividade mostra-se elevada, através da forte valorização de características relacionais e do apoio emocional familiar, mas com baixa exigência, onde o estabelecimento de regras e limites aparentam ser pouco valorizados. No entanto, o estilo parental de famílias nucleares tende mais para o autoritativo (MACCOBY & MARTIN, 1983), na medida em que, além da dimensão da relação e do apoio emocional (responsividade), são enfatizadas características comportamentais (exigência):

‘É comportada, alegre. É, a gente tem bastante contato assim. Ela é bastante obediente. E tentamos dar carinho, mas ao mesmo tempo, impondo limites pra ela. E cobrar também. Cobrar dela em relação a obedecer, né.’ (A. F., mãe, família nuclear)

### **Relações entre Trajetórias de Socialização, Sistemas e Estilos Parentais**

Esse último item foi dedicado a discussão de relações encontradas entre as variáveis investigadas nesse estudo. O que foi observado é que, se tratando de relações entre trajetórias de socialização e sistemas parentais, houve uma correlação positiva entre as metas de autonomia e o sistema de troca face-a-face, indicando que quanto mais valorizadas são as metas autônomas, mais valorizado é esse sistema. Tal resultado corrobora com a literatura, que aponta a troca face-a-face como um sistema prevalente em contextos autônomos (PESSOA & COLABORADORES, 2016; KELLER & CHASIOTIS, 2007).

Foi apontada, também, uma correlação negativa entre metas de autonomia e cuidados básicos, o que indica que quanto mais valorizados são os cuidados básicos, menos são valorizadas as metas de autonomia. Tal relação parece sugerir que pais e mães que enfatizam cuidados com higiene, alimentação etc, tendem a valorizar menos a autonomia e a independência, na medida em que tais cuidados ocorrem no contexto da relação/interdependência. Contudo, tal correlação não possui

embasamento na teoria, sendo necessária uma investigação mais minuciosa a esse respeito.

De forma semelhante, a correlação negativa entre os sistemas de troca face-a-face e de cuidados básicos, apesar de não apresentar sustentação teórica, aponta que quanto mais valorizados são os cuidados básicos, menos valorizada é a troca face-a-face. Nesse sentido, a hipótese formulada é de que devido a inserção das famílias estudadas num contexto em que a maioria de pais e mães são ativos no mercado de trabalho (ROMANELLI, NOGUEIRA & ZAGO, 2000), a prática de cuidados com higiene e alimentação tendem a ocorrer de forma mecânica, sem a valorização da atenção e da troca de olhar. No entanto, tal relação merece ser estudada de forma mais específica em estudos posteriores.

Além disso, as metas de autonomia se correlacionaram positivamente com as metas de relação, indicando que não se tratam de dimensões excludentes, mas de dimensões relacionadas que podem ser complementares (MENDES & PESSÔA, 2013; SILVA & MAGALHÃES, 2011; VIEIRA & COLABORADORES, 2010; MACARINI & VIEIRA, 2009; SILVA & COLABORADORES, 2005; SEIDL-DE-MOURA & COLABORADORES, 2004). Já o contato corporal se correlacionou negativamente com estimulação por objeto, assim como troca face-a-face com estimulação corporal. O que indica que quanto mais se valoriza o contato corporal, menor é a valorização da estimulação por objeto e quanto mais se valoriza a estimulação corporal, menor se valoriza a troca face-a-face. Tal resultado vai de encontro com a teoria, uma vez que contato e estimulação corporal se caracterizam como estilos de cuidado proximais, enquanto estimulação por objeto e troca face-a-face são identificados como estilos de cuidado distais (KELLER & CHASIOTIS, 2007).

Entre as metas de socialização e as categorias geradas a partir da pergunta sobre as características infantis não foram encontradas relações. No entanto, as características relacionais se correlacionaram positivamente com características emocionais e autônomas, indicando que quanto mais se enfatiza habilidades relacionais, mais são enfatizadas características emocionais e de independência. Ademais, ao buscar correlações entre as trajetórias de socialização e os aspectos privilegiados para o desenvolvimento infantil, foi observada uma correlação positiva entre metas relacionais e autonomia. Nesse sentido, novamente, pode-se entender que a amostra estudada é caracterizada como autônomo-relacional.

Ainda em relação aos aspectos privilegiados para o desenvolvimento infantil, foi notada uma correlação negativa entre afetividade e competência escolar e profissional. Tal resultado indica que quanto mais valorizada é a afetividade, menos é valorizada a competência escolar e profissional, o que pode ter relação com a ideia popular de oposição entre afeto e cognição. Além disso, foi encontrada uma correlação positiva entre valores religiosos e competência escolar e profissional, o que parece indicar que a educação religiosa é tão valorizada por esses pais quanto a educação escolar, funcionando de forma quase complementar. Entretanto, ambas as relações parecem não ter sustentação na literatura, de modo que análises mais consistentes devem ser realizadas nesse sentido.

Entre os sistemas parentais e as categorias sobre características infantis, não foram encontradas relações. No entanto, entre os sistemas e as categorias de aspectos priorizados no desenvolvimento infantil foi observado que quanto mais valorizado são os cuidados básicos, que envolvem higiene, alimentação e proteção (KELLER, 2005), mais valorizada é a saúde e o bem-estar no desenvolvimento infantil. Além disso, foi notado que quanto mais se valoriza o contato corporal, mais enfatizada é a afetividade e os valores interpessoais. Resultado esse que condiz com a teoria, na medida em que o contato corporal tem por função proporcionar calor emocional, o que está associado a ideia de coesão social (KELLER, 2005).

Finalmente, foi verificada uma correlação negativa entre cuidados básicos e respeito e obediência, indicando que quanto mais valorizado são os cuidados básicos, menos valorizados são o respeito e a obediência. Esse resultado pode estar associado ao fato de pais e mães que priorizam cuidados com higiene, alimentação, etc, entenderem que tais cuidados devem ocorrer na dimensão da troca afetiva e não do respeito e da obediência. Entretanto, tal relação não possui embasamento teórico, sendo necessário outros estudos nesse sentido.

## Considerações Finais

Acredita-se que o presente estudo possa ter contribuído de forma significativa para a área da Psicologia do Desenvolvimento a partir dos seus achados. O primeiro deles é a respeito das trajetórias de socialização. A investigação dessas trajetórias, através das metas de socialização dos cuidadores, indicou a predominância do modelo autônomo-relacional nos participantes em geral e nas amostras de pais e de mães, corroborando com estudos anteriores (SILVA & MAGALHÃES, 2011; VIEIRA & COLABORADORES, 2010; MACARINI & VIEIRA, 2009; SILVA & COLABORADORES, 2005; SEIDL-DE-MOURA & COLABORADORES, 2004).

Em relação aos tipos de família, diferente do esperado, famílias nucleares apresentaram trajetória autônomo-relacional e famílias mononucleares e reconstituídas, trajetória relacional. No caso de famílias reconstituídas, tal resultado pode estar associado a um possível alocentrismo familiar, enquanto que em famílias mononucleares, parece estar associado com o fato dos filhos serem, por vezes, a única companhia de suas mães fazendo com que a dimensão relacional tenha um maior destaque.

Além disso, a análise dos sistemas de cuidados parentais indicou prevalência, em todos os cenários, do contato corporal em relação aos demais. O que parece indicar uma certa homogeneidade cultural no contexto estudado, que tende a valorizar a proteção do bebê e a experiência de calor emocional, ligada ao afeto expresso na relação mãe-bebê (KELLER, 2005). Por outro lado, a troca face-a-face, que proporciona ao bebê a experiência de percepção contingente e é frequentemente predominante em contextos autônomos (PESSÔA & COLABORADORES 2016), surgiu como segundo sistema mais valorizado na maioria dos casos. A ênfase no contato corporal e na troca face-a-face vai de encontro com os resultados encontrados por Pessôa e colaboradores (2016), que também indicaram a prevalência desses dois sistemas num contexto semelhante, apontando para características autônomos-relacionais.

Sobre os estilos parentais, a amostra em geral pareceu demonstrar um estilo indulgente, com alta responsividade, expressa na ênfase em características relacionais e no apoio familiar, e baixa exigência, no qual o estabelecimento de regras e limites aparentam ser pouco valorizados. De forma semelhante com o

esperado, famílias mononucleares e reconstituídas também apresentaram indícios de estilo indulgente. Já famílias nucleares tenderam para o estilo autoritativo. O que significa que esse tipo familiar valoriza tanto a dimensão da responsividade, através da ênfase na relação e no apoio emocional familiar, quanto da exigência, expressa na valorização de características comportamentais da criança como obediente, comportado etc.

Finalmente, a respeito das relações investigadas entre trajetórias de socialização, sistemas e estilos parentais, foi encontrada uma correlação positiva entre metas autônomas e troca face-a-face, o que condiz com a literatura que aponta a troca face-a-face como um sistema predominante em contextos autônomos (PESSOA & COLABORADORES, 2016; KELLER & CHASIOTIS, 2007), e entre metas autônomas e metas relacionais, o que sugere que essas dimensões não são opostas, mas relacionadas, podendo ser complementares (MENDES & PESSÔA, 2013). Ademais, foram observadas correlações positivas entre características autônomas e características relacionais e entre a valorização de metas relacionais e a valorização do desenvolvimento da autonomia, indicando que tanto a autonomia quanto a relação são estimadas por esses cuidadores.

Foram também encontradas correlações negativas entre contato corporal e estimulação por objeto e entre estimulação corporal e troca face-a-face, apontando que quanto mais valorizados são o contato corporal e a estimulação corporal, menos são a estimulação por objeto e a troca face-a-face. Tal achado está em conformidade com a teoria que classifica contato e estimulação corporal como estilos proximais, associados a dimensão da relação, e estimulação por objeto e troca face-a-face como estilos distais, associados a dimensão da autonomia (KELLER & CHASIOTIS, 2007).

Além disso, foi observado que quanto mais se valoriza a importância da saúde e do bem-estar para o desenvolvimento infantil, mais valorizado é o sistema de cuidados básicos, que envolve justamente a higiene, a alimentação e proteção da criança (KELLER, 2005). Por outro lado, quanto mais a afetividade e os valores interpessoais são priorizados no processo de desenvolvimento, mais valorizado é o sistema de contato corporal. Esse achado é sustentado pela literatura que entende como função desse sistema proporcionar a experiência de calor emocional, associado a ideia de coesão social (KELLER, 2005).

Relações encontradas entre: a) cuidados básicos e metas de autonomia, b) cuidados básicos e troca face-a-face, c) cuidados básicos e respeito e obediência, d) competência escolar e profissional e afetividade e e) competência escolar e profissional e valores religiosos não puderam ser explicadas pela literatura, sendo necessária a realização de estudos posteriores que as investiguem mais cautelosamente. No entanto, algumas hipóteses puderam ser levantadas a partir dessas relações.

É possível que o sistema de cuidados básicos tenha se correlacionado negativamente com metas de autonomia e com respeito e obediência devido ao fato de tais cuidados ocorrem no contexto da relação, na qual se valoriza a troca afetiva e não o respeito e a obediência. Entretanto, a correlação negativa entre cuidados básicos e troca face-a-face parece sugerir que, por vezes, esses cuidados são proporcionados de forma mecânica, sem o contato visual e sem a experiência de atenção compartilhada.

No que diz respeito a competência escolar e profissional, sua correlação negativa com afetividade parece estar associada a ideia popular de oposição entre afeto e cognição. Já sua correlação positiva com valores religiosos sugere que a educação escolar e a educação religiosa funcionam como domínios complementares para os participantes do estudo, sendo uma tão valorizada quanto a outra.

Contudo, há a possibilidade de que valores extremos apresentados pela amostra tenham influenciado de alguma forma essas relações, uma vez que não puderam ser excluídos devido ao baixo tamanho amostral. Além disso, somente um instrumento foi utilizado para a mensuração de cada uma das variáveis estudadas, o que pode ter revelado uma avaliação incompleta do fenômeno. Por fim, somente três configurações familiares foram investigadas e algumas variáveis importantes para o estudo de trajetórias de socialização e estilos parentais, como nível de escolaridade, nível socioeconômico e número de filhos (FORTKAMP, VIEIRA & FARACO, 2015; PIOVANOTTI & VIEIRA, 2007; MARQUES & MACHADO, 2010; GOMES & RIBEIRO, 2010; CARMO & ALVARENGA, 2009), não foram consideradas.

Nesse sentido, torna-se necessário que estudos posteriores, com uma maior amostragem, se debrucem sobre a investigação dessas variáveis, não só para melhor compreendê-las, mas também para viabilizar testes de significância que não puderam ser realizados nesse estudo. Ademais, para pesquisas futuras, sugere-se

que mais de um instrumento seja utilizado para avaliação de cada variável, que outras configurações familiares sejam investigadas e que outras variáveis sociodemográficas sejam consideradas.

Entretanto, acredita-se que o presente trabalho pode ser um achado científico, na medida em que corrobora com resultados de estudos anteriores e lança luz sobre novos aspectos e relações ainda não investigados pela literatura. Desse modo, suas contribuições vão em direção de colaboração com a Psicologia do Desenvolvimento e com o estudo das trajetórias de socialização e dos estilos parentais, possibilitando a abertura de caminhos para novas investigações.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, V. P.; ALDRIGHI, T. (2011). Família e autoridade parental: o desenvolvimento da autonomia da criança na sociedade contemporânea. *INFAD Revista de Psicologia*, 1(1), 251-260.
- ARENDRT, H. (2000). *What is authority? The portable Hannah Arendt*. New York: Penguin Books.
- ARIÈS, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BANDEIRA, T. T. A.; SEIDL-DE-MOURA, M. L.; VIEIRA, M. L. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*, 19 (3), 445-456.
- BANDEIRA, T. T. A.; SEIDL-DE-MOURA, M. L. (2012). Crenças de pais e mães sobre investimento parental. *Paidéia*, 22(53), 355-363.
- BARBER, B. K. (1996). Parental psychological control: Revising a neglected construct. *Child Development*, 67 (6), 3296-3319.
- BAUMRIND, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*: 75, 43-88.
- BAUMRIND, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*: 4 (1, Pt.2), 1-103.
- BRITO, L. M. T. (2008). Alianças desfeitas, ninhos refeitos: mudanças nas família pós-divórcio. Em: L.M.T. BRITO (Org.). *Família e separações: perspectivas da psicologia jurídica*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- CARDOSO, A. R. (2011). *Avós no Século XXI: Mutações e rearranjos na família contemporânea*. Curitiba: Juruá.
- CARDOSO, J.; VERÍSSIMO, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*: 4 (31), 393-406.
- CARMO, P. H. B.; ALVARENGA, P. (2009). Práticas educativas coercitivas e crenças sobre a coerção em mães de diferentes níveis socioeconômicos. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- COSTA, F. T., TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*: 13(3), 465-473.
- DARLING, N.; STEINBERG, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*: 113, 487-496.
- DESSEN, M. A.; LEWIS, C. (1998). Como estudar a família e o pai? *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 8, 105-121.
- FALCKE, D.; ROSA, L. W.; STEIGLEDER, V. A. T. (2012). Estilos Parentais em Famílias com Filhos em Idade Escolar. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5 (2), 282-293

- FIGUEIRA, S. A. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. Em S. A. FIGUEIRA (Org.). *O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FORTKAMP, E. H. T.; VIEIRA, M. L.; FARACO, A. M. X. (2015). Crenças e Metas de Socialização de Pais de dois Contextos Urbanos Brasileiros: Uma Análise do Modelo de Orientação de Self. Florianópolis. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.
- FRAGUELA, J. A. G.; TORRES, P. V. (2005). Los padres y madres ante la prevención de conductas problemáticas en la adolescencia: la aplicación del programa Construyendo Salud: Promoción de habilidades parentales.
- GEARY, D. C.; FLINN, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and the human family. *Parenting: Science and Practice*, 1 (2), 5-61.
- GOMES, M. I. M; RIBEIRO, M. T. (2010). (Des)complexificando os Estilos Parentais – com Pais Casados e Pais Divorciados/Separados. Dissertação (Mestrado) – Fac. de Psicologia, Universidade de Lisboa – Lisboa. 74f.
- GOMIDE, P. I. C. (2006). Inventário de Estilos Parentais (IEP), modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Vozes.
- HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. Em I. SIGEL, A. V. MCGILLICUDDY-DELSI & J. GOODNOW (Eds.). *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (2nd ed.) (373-392). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (1993). The developmental niche: Implications for children's literacy development. Em L. ELDERING & P. LESEMEN (Eds.). *Early intervention and culture: Preparation for literacy*. (115-132). Paris: UNESCO.
- HARKNESS, S.; SUPER, C. M. (2006). Themes and variations: parental ethnotheories in western cultures. Em RUBIN, K. (Ed.). *Parental beliefs, parenting, and child development in cross-cultural perspective* (61-79). New York: Psychology Press.
- HARWOOD, R. L. et al. (1999). Cultural differences in maternal beliefs and behaviors: A study of middle-class Anglo and Puerto Rican mother-infant pairs in four everyday situations. *Child development*, 70, 805-816.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 31. 2010, Brasil. 81.
- KAGITÇIBASI, Ç. (1996). The autonomous-relational self: A new synthesis. *European Psychologist*, 1 (3), 180-186.
- KAGITÇIBASI, Ç. (2005). Autonomy and relatedness in cultural context: Implications for self and family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 403-422.
- KAGITÇIBASI, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures: Theory and applications* (2<sup>nd</sup> ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

- KASLOW, F. W. (2002). Families and Family Psychology at the Millenium. *American Psychologist*, 56(1), 37-46.
- KELLER, H.; GREENFIELD, P. M. (2000). History and Future of development in cross-cultural psychology. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31 (1), 52-62.
- KELLER, H. (2005). *Parenting, culture, and development a comparative study*. Instituto de Investigaciones Psicológicas.
- KELLER, H. et al. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behavior. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (3), 229-237.
- KELLER, H. et al. (2006). Cultural models, socialization goals, and parenting ethnotheories: A multi-cultural analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(2), 155-172.
- KELLER, H.; CHASIOTIS, A. (2007). Maternal investment. Em C. A. ALMON & T. K. SHACKELFORD (Orgs.). *Family relations: an evolutionary perspective* (pp. 96-111). Oxford: Oxford University Press.
- KELLER, H. (2012). Autonomy and Relatedness Revisited: Cultural manifestations of universal human needs. *Child Development Perspectives*, 6 (1), 12-18.
- KOBARG, A. P. R.; VIEIRA, M. L. (2006). Crenças e práticas de mães sobre desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- LEFAUCHER, N. (1997). Les familles dites monoparentales. In: Sinly, F. La Famille: les etats.
- LEYENDECKER, B. et al. (2002). Mothers' socialization goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal Behavioral Development*, 26 (3), 248-258.
- LIGHTFOOT; VALSINER (1992). Parental belief systems under the influence: social guidance of the construction of personal cultures. Em I. S. SIEGEL; A. V. MCGILLICUDY-DELISI & J. GOODNOW (Orgs.). *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (pp. 393-414). Hillsdale, NJ e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.
- MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. (2009). Autonomia e interdependência: sistema de crenças parentais de mães residentes em pequenas cidades e capitais do Brasil. Florianópolis, 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MACARINI, S. M. et al. (2010). Etnoteorias parentais: um estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23 (1), 37-45.
- MACCOBY, E. (2000). Parenting and its effects on children: On reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.

- MACCOBY, E.; MARTIN, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. HETHERINGTON (Org.). P. H. MUSSEN (Org. Série), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- MARQUES, A. C. T.; MACHADO, T. S. (2010). Crenças parentais sobre a punição física e a identificação dos problemas comportamentais e de adaptação psicossocial das crianças em idade pré-escolar. Coimbra. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- MENDES, D. M. L. F.; PESSÔA, L. F. (2013). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 18 (1), 15-25.
- MILLER, S. A. (1988). Parent's beliefs about children's development. *Child Development*, 59, 259-285.
- MILLER, S. A.; HARWOOD, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the constructions of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25 (5), 450-457.
- PESSÔA, L. F. et al. (2016). Sistemas de cuidados e o discurso de diferentes cuidadores do Rio de Janeiro: evidências de trajetória de desenvolvimento. *Estud. Psicol. (Campinas)*, 33 (1), 71-82.
- PINHEIRO, M. H. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (2008). A família como base. Em L. WEBER (Org.). *Família e Desenvolvimento: Visões interdisciplinares*. Curitiba: Juruá.
- PIOVANOTTI, M. R. A.; VIEIRA, M. L. (2007). Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- REICHERT, C. B.; WAGNER, A. (2006). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. Dissertação (Mestrado) – Fac. de Psicologia, PUCRS – Porto Alegre. 100 f.
- ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M.A.; ZAGO, N. (2000). *Família & Escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes.
- ROUDINESCO, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SALVO, C. G.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 187-195.
- SAMPAIO, I. T. A.; VIEIRA, M. L. (2008). A influência do gênero e da ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. Florianópolis, 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SANTANA, L. S. (2006). Crenças maternas e práticas de cuidado. *Monografia apresentada como requisito de título de Psicólogo ao Instituto de Psicologia da UERJ*.

- SARTI, C. A. (2004a). Algumas questões sobre família e políticas sociais. Em C. Jacquet & L.F. Costa (Orgs.). *Família em mudança*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- SARTI, C. A. (2004b). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15 (3), 11-28.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L. (2003). *Metas de socialização em mães primíparas em um modelo de crenças e valores parentais*. Projeto de Pesquisa (não publicado), Rio de Janeiro: UERJ.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L. et al. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 421-429.
- SEIDL-DE-MOURA, M. L. et al. (2008). Brazilian mothers socialization goals. Intracultural differences in seven *Brazilian cities*. *International Journal of Behavioral Development*, 32, 480-487.
- SILVA A. K. et al. (2005). Conhecimento de mães primíparas sobre desenvolvimento infantil: um estudo em Itajaí, SC. *Rev Bras Cresc Desenv Hum*, 15 (3), 1-10.
- SILVA, R. A.; MAGALHÃES, C. M. C. (2008). Crenças parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas. Belém, p. 141. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.
- SILVA, R. A.; MAGALHÃES, C. M. C. (2011). Crenças sobre práticas: um estudo sobre mães primíparas de contexto urbano e não-urbano. *Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum.*, 21(1), 39-50.
- SUIZZO, M. A. (2002). French parents' cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of behavioral development*, 26, 297-307.
- STEINBERG, L., ELMEN, J.; MOUNTS, N. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development*, 60, 1424-1436.
- TOMASELLO, M. (2001). Cultural transmission: A view from chimpanzees and human infants. *Journal of cross-cultural psychology*, 32 (2), 135-146.
- VIEIRA, M. L. et al. (2010). Autonomy and interdependence: beliefs of Brazilian mothers from state capitals and small towns. *The Spanish Journal of Psychology*, 13 (2), 818-826.
- VITAL, M. S. (2002). A família e sua projeção frente aos Direitos Humanos internacionais. Artigo apresentado no curso de Direitos Humanos Internacionais – JEP. Projeto Jurisprudência da Igualdade. Faculdade de Direito. Universidade Federal de Mato Grosso.
- WAGNER, A. (2002). *Família em cena. Tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes.
- WEBER, L. N. D.; BRANDENBURG, O. J.; VIEZZER, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8 (1), 71-79.

- WEBER, L. N. D. et al. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.
- WESTPHAL, J. P. et al. (2010). O que mães pensam sobre seus filhos em três regiões distintas do Estado de Santa Catarina. *Psicol. Argum., Curitiba*, 28(62), 235-246.

## ANEXOS

### Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



Código
--------

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Agradecemos sua disponibilidade em participar da pesquisa “Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização: Um estudo com diferentes configurações familiares da cidade do Rio Janeiro” que tem por objetivo compreender o que pais e mães de diferentes famílias consideram importante para o desenvolvimento de seus filhos, assim como os meios que priorizam para alcançarem essas metas. Assim, o(a) convidamos a ler atentamente o presente termo e a preencher os campos solicitados.

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome:

Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

Data Nascimento:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Telefone:

**1. Título do Protocolo de Pesquisa:** Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização: Um estudo com famílias da cidade do Rio de Janeiro

**2. Pesquisadoras responsáveis:**

Leticia Oliveira da Silva

Luciana Fontes Pessôa

**3. Avaliação do risco da pesquisa:**

( ) Risco Mínimo      ( ) Risco Médio

( ) Risco Baixo      ( ) Risco Maior

Os procedimentos da pesquisa a princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que abordam tema referente a experiências e informações sobre a sua história de vida e de como você acha que os filhos devem ser cuidados.

**4. Duração da pesquisa:** A duração prevista deste projeto é de dois anos (março/2016 a março/2018).

**5. Justificativa e objetivos:** Pesquisas mostram a grande variedade de formas que o “desenvolvimento sadio” pode assumir em diferentes culturas, envolvendo um equilíbrio entre a aquisição da autonomia e a capacidade de relação. As transformações decorrentes de processos de urbanização em sociedades pós-industriais têm levado a uma crescente valorização da autonomia e da independência em grupos culturais. Embora essa tendência tenha inegáveis aspectos positivos, pensamos que os diversos problemas decorrentes dessa urbanização e da vida em grandes cidades poderiam ser beneficiados do desenvolvimento de indivíduos solidários, cooperativos e comprometidos com a coletividade, próprios de um *self* interdependente. Além disso, acredita-se que características autônomas ou relacionais podem estar associadas a diferentes estilos parentais, que consistem em atitudes privilegiadas para a educação dos filhos pautadas na responsividade e/ou na exigência. Essa pesquisa, portanto, tem como objetivo caracterizar os valores, crenças e práticas de criação de filhos que são, por um lado, compartilhados, e por outro, que distinguem os diferentes tipos de família da atualidade.

**6. Procedimentos:** A coleta de dados ocorrerá presencialmente. Os participantes serão indicados pelos membros do grupo de pesquisa e no primeiro contato com a família o pesquisador solicitará a cooperação do informante, explicando os objetivos e métodos da pesquisa, para o que utilizará um roteiro de apresentação, construído com linguagem simples e clara. Havendo concordância na participação, o pesquisador pedirá a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias que, quando assinadas, uma ficará em posse do participante e outra da pesquisadora. Por fim, se procederá à aplicação dos instrumentos e à entrevista.

**7. Riscos e inconveniências:** Estes procedimentos a princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que abordam tema referente a experiências e informações sobre a sua história de vida e de como você acha que os filhos devem ser cuidados.

**8. Potenciais benefícios:** Espera-se a ampliação da compreensão de alguns aspectos: a) contextos de desenvolvimento e da construção do *self*, levando em conta os diferentes arranjos familiares, a dinâmica da família e discutindo o papel da autonomia e da interdependência na ontogênese; b) a relação entre as trajetórias de socialização autônoma e interdependente com os diferentes estilos parentais; c) o papel da rede de apoio; d) as metas e práticas de cuidados dos cuidadores. Ampliando, a partir dos resultados obtidos, a divulgação para pais e diferentes cuidadores das noções de autonomia e interdependência, metas de socialização, práticas educativas, estilos parentais e suas consequências para o desenvolvimento.

#### Informações Adicionais:

Os dados obtidos serão usados somente para o fim previsto neste projeto de pesquisa. As informações obtidas serão mantidas em lugar seguro e a identificação dos participantes só poderá ser realizada pelas pesquisadoras. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer outras informações que possam vir a identificá-lo.

Em qualquer momento do estudo você poderá obter mais informações com a mestrand Leticia Oliveira da Silva, pelo e-mail [leticia-oliveira92@hotmail.com](mailto:leticia-oliveira92@hotmail.com) ou pelo telefone (21)99360-6397 ou com a Profa. Dra. Luciana Fontes Pessoa, pelo e-mail [peossoalf@gmail.com](mailto:peossoalf@gmail.com) ou pelo telefone (21)9622-7810. Elas estarão aptas a esclarecer suas dúvidas. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), localizado na Rua: Marques de São Vicente, 225, cujo telefone é (21)3527-1186 e o horário de atendimento das 8h às 17h.

Para esta pesquisa, não será cobrado nenhum custo do participante. Do mesmo modo, não há compensação financeira ou qualquer tipo de pagamento relacionado à sua participação. Você terá total e plena liberdade para se recusar a participação bem como retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: "Estilos Parentais e Trajetórias de Socialização: Um estudo com famílias da cidade do Rio de Janeiro". Os propósitos desta pesquisa são claros. Do mesmo modo, estou ciente dos procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável da Pesquisa

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

**Anexo II – Questionário Sociodemográfico**

Código

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Nome da criança: \_\_\_\_\_ Sexo: ( )F ( )M

Idade da criança: \_\_\_\_\_ anos Bairro de residência da criança: \_\_\_\_\_

A criança tem irmãos(ãs)? ( )Sim ( )Não Quantos? \_\_\_\_\_ irmãos(ãs)

A criança já fez ou faz acompanhamento psicológico ou psiquiátrico? ( )Sim ( )Não

Quem são as pessoas que habitam com a criança?

Grau de Parentesco a criança	Idade

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Média diária de tempo da mãe com a criança: \_\_\_\_\_ horas

Situação conjugal da mãe: ( )Solteira ( )Casada ( )União estável ( )Viúva

Idade da mãe: \_\_\_\_\_ anos Renda da mãe: \_\_\_\_\_

Escolaridade da mãe: ( )Ens. fundamental incompleto ( )Ens. fundamental completo

( )Ens. médio incompleto ( )Ens. médio completo

( )Ens. superior incompleto ( )Ens. superior completo

( )Pós-graduação incompleta ( )Pós-graduação completa

Nome do pai: \_\_\_\_\_

Média diária de tempo do pai com a criança: \_\_\_\_\_ horas

Situação conjugal do pai: ( )Solteiro ( )Casado ( )União estável ( )Viúvo

Idade do pai: \_\_\_\_\_ anos Renda do pai: \_\_\_\_\_

Escolaridade do pai: ( )Ens. fundamental incompleto ( )Ens. fundamental completo

( )Ens. médio incompleto ( )Ens. médio completo

( )Ens. superior incompleto ( )Ens. superior completo

( )Pós-graduação incompleta ( )Pós-graduação completa

Telefones: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_

Telefones alternativos: ( ) \_\_\_\_\_ Falar com: \_\_\_\_\_

( ) \_\_\_\_\_ Falar com: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data da aplicação: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Duração: \_\_\_\_\_

**Anexo III – Inventário de metas de socialização/desenvolvimento:  
Inventário de comparação de metas de socialização**

Código
--------

**INVENTÁRIO DE METAS DE SOCIALIZAÇÃO/DESENVOLVIMENTO: INVENTÁRIO DE  
COMPARAÇÃO DE METAS DE SOCIALIZAÇÃO**

Metas de desenvolvimento

Agora você vai encontrar uma lista de opiniões sobre metas que os pais vão tentar alcançar no desenvolvimento de seus filhos durante seus *primeiros três anos de idade*. Vou ler uma da cada vez. Por favor, expresse se concorda ou não concorda **espontaneamente**.

Durante os primeiros três anos de vida, as crianças deveriam:	Concordo				
	1 Nem um pouco	2	3	4	5 Completamente
1. aprender a controlar emoções.					
2. desenvolver independência.					
3. desenvolver auto-confiança.					
4. aprender a obedecer a seus pais.					
5. aprender a obedecer a pessoas mais velhas.					
6. aprender a cuidar do bem-estar dos outros.					
7. desenvolver um senso de auto-estima.					
8. aprender a animar os outros.					
9. desenvolver competitividade.					
10. desenvolver um senso de identidade					